

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**BRUNA CASTRO CANTANHEDE ARAUJO**

**A COMUNICAÇÃO POPULAR DO PREGOEIRO:** um personagem  
inesquecível do imaginário ludovicense.

São Luís

2024

**BRUNA CASTRO CANTANHEDE ARAUJO**

**A COMUNICAÇÃO POPULAR DO PREGOEIRO:** um personagem  
inesquecível do imaginário ludovicense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Júnior.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Araujo, Bruna Castro Cantanhede.

A comunicação popular do pregoeiro : um personagem inesquecível do imaginário ludovicense / Bruna Castro Cantanhede Araujo. - 2024.

92 p.

Orientador(a): José Ribamar Ferreira Júnior.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Pregoeiro. 2. Comunicação. 3. Oralidade. 4. Pregões. 5. Ofícios Tradicionais. I. Ferreira Júnior, José Ribamar. II. Título.

**BRUNA CASTRO CANTANHEDE ARAUJO**

**A COMUNICAÇÃO POPULAR DO PREGOEIRO: um personagem**  
inesquecível do imaginário ludovicense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo  
da Universidade Federal do Maranhão, para  
obtenção do grau de Bacharel em Comunicação  
Social - Jornalismo.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Júnior** (Orientador)

Doutor em Comunicação e Semiótica

Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa Dra Rosinete de Jesus Silva Ferreira**

Doutora em Psicologia Social

Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Me. Junerlei Dias de Moraes**

Mestre em Comunicação

Universidade Federal do Maranhão

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus Pai, que com todo seu amor e sua misericórdia me permitiu chegar até aqui.

Aos meus pais, Rosivete Castro de Araújo e José Joaquim Cantanhede Araújo, pelos ensinamentos que formaram meu caráter e por priorizarem a minha educação.

Ao meu irmão Marcel Castro Cantanhede Araújo, por ser meu exemplo e sempre me ajudar.

Aos meus amigos e amigas, Rebeca Araújo, Pâmela Castro, Luiza Bruno, Felipe Oliveira e Guilherme Castro, por estarem comigo na caminhada da vida. À Rhajan Thomas, pelo apoio durante o processo de produção desse trabalho.

Às minhas amigas de curso, Thalyta Cavalcante e Andressa Moura, que compartilharam comigo esses cinco anos de graduação.

Ao meu orientador, professor José Ferreira, e a todos os professores que contribuíram com a minha formação até aqui, em especial a professora Áurea Costa por me apresentar os pregoeiros.

“Bem-aventurado o homem que acha a sabedoria, e o homem que adquire conhecimento;

Porque é melhor a sua mercadoria do que artigos de prata, e maior o seu lucro que o ouro mais fino

Mais preciosa é do que os rubis, e tudo o que mais possas desejar não se pode comparar a ela”.

(Provérbios 3: 13-15)

## RESUMO

O presente trabalho busca investigar o pregoeiro, personagem cuja principal característica é a oralidade, e principal instrumento a comunicação oral. Além de destacar sua importância histórico-cultural na cidade de São Luís, o estudo traça um recorte social desse personagem, destacando os aspectos que os distinguem de outros vendedores ambulantes. A pesquisa se classifica como qualitativa e descritiva, e se baseou em referências bibliográficas e dados obtidos por meio de entrevistas com os próprios pregoeiros. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre temas relacionados ao ofício do pregoeiro, como memória, história, ofícios tradicionais, oralidade, performance e linguagem. Em seguida, foram conduzidas entrevistas com os pregoeiros. A partir dos dados coletados, elaborou-se uma análise sobre o papel do pregoeiro na sociedade e sua importância cultural. Como resultado, a pesquisa observou que o pregão é um importante recurso de comunicação popular que, apesar das transformações sociais, mantém-se vivo nas ruas de São Luís. Percebe-se que a comunicação oral dos pregoeiros tem se ressignificado, adaptando-se sem perder sua essência, permanecendo como seu principal recurso. Apesar de sua importância histórico-cultural, constata-se a necessidade de uma maior visibilidade e valorização desses trabalhadores. Por fim, foi produzido um registro em áudio dos pregões coletados durante as entrevistas.

Palavras-chave: pregoeiro; comunicação; oralidade; pregões; ofícios tradicionais.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to investigate the "pregoeiro," a character whose main feature is orality, with oral communication being their primary tool. In addition to highlighting their historical and cultural significance in the city of São Luís, the study outlines a social profile of this figure, emphasizing the aspects that set them apart from other street vendors. The research is classified as qualitative and descriptive, based on bibliographic references and data obtained through interviews with the "pregoeiros" themselves. Initially, a bibliographic survey was conducted on themes related to the "pregoeiro's" trade, such as memory, history, traditional trades, orality, performance, and language. Subsequently, interviews were conducted with the "pregoeiros." Based on the collected data, an analysis was developed on the role of the "pregoeiro" in society, and their cultural importance. As a result, the research observed that the "pregão" is an important resource for popular communication that, despite social transformations, remains alive in the streets of São Luís. It is noted that the oral communication of the pregoeiros has been redefined, adapting without losing its essence, remaining their primary resource. Despite its historical and cultural importance, there is a recognized need for greater visibility and appreciation of these workers. Finally, an audio recording was made of the cries collected during the interviews.

**Keywords:** pregoeiro; communication; orality; cries; traditional trades.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O compra tudo.....	35
Figura 2 – A vendedora de mingau.....	36
Figura 3 – O jornaleiro .....	39
Figura 4 – A vendedora de Arroz-de-cuxá.....	42
Figura 5 - O vendedor de Pirulito.....	44
Figura 6 – Dona Corina posando com os pirulitos, em 2022. ....	45
Figura 7 – Dona Corina, em registro recente de 2024.....	47
Figura 8 – Dona Corinha e o Sorveteiro Bem-te-vi.....	48
Figura 9 – O cuscuz Ideal.....	58
Figura 10 – Seu Neres, vendedor do cuscuz Ideal há mais de trinta anos.....	59
Figura 11 – Seu Neres e sua bicicleta, carinhosamente apelidada de “Magricela”.....	60
Figura 12 – Seu Neres .....	61
Figura 13 – Seu Essias, o sorveteiro.....	63
Figura 14 – Essias vendendo o tradicional soverte de coco, no Reviver.....	64
Figura 15 – Seu Essias, o sorveteiro.....	65
Figura 16 – George Alisson ao lado da sua banca de quebra-queixo .....	66
Figura 17 – Banca de quebra-queixo.....	67
Figura 18 – O famoso quebra-queixo.....	68
Figura 19 – Seu Francisco, também conhecido como Boleiro ou Bolo. ....	71
Figura 20 – O bolo feito pelo próprio Francisco. ....	72

## LISTA DE SIGLAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
SEMAPA	Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA E ORALIDADE</b> .....	13
<b>2.1</b>	<b>Uma mirada teórica sobre a oralidade</b> .....	13
<b>3</b>	<b>SÃO LUÍS: Ilha de Tradições</b> .....	20
<b>3.1</b>	<b>Centro histórico: patrimônio da humanidade</b> .....	24
<b>3.2</b>	<b>Pregoeiros</b> .....	26
<b>4</b>	<b>O PREGÃO: a oralidade em ação</b> .....	30
<b>4.1</b>	<b>Pregões de São Luís: a tradição pregoeira na ilha</b> .....	33
4.1.1	Compra tudo .....	34
4.1.2	Mingau de milho.....	36
4.1.3	Jornaleiro .....	38
4.1.4	Arroz-de-cuxá .....	40
4.1.5	Pirulito .....	43
<b>5</b>	<b>PREGOEIROS</b> .....	51
<b>5.1</b>	<b>Uma questão social</b> .....	51
<b>5.2</b>	<b>O pregoeiro hoje</b> .....	53
<b>5.3</b>	<b>Dando rosto ao pregão</b> .....	57
5.3.1	Cuscuz Ideal .....	57
5.3.2	O sorveteiro .....	62
5.3.3	O quebra-queixo .....	66
5.3.4	O boleiro .....	69
<b>5.4</b>	<b>Registro em áudio dos pregões</b> .....	73
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	77
	<b>APÊNDICE A – Entrevista realizada com Essias Almeida Barros - Vendedor de sorvete</b> .....	83
	<b>APÊNDICE B – Entrevista realizada com José Neres - Vendedor de Cuscuz Ideal</b> ....	86
	<b>APÊNDICE C – Entrevista realizada com seu Francisco – Vendedor de bolo</b> .....	88
	<b>APÊNDICE D – Entrevista com George Alisson Maranhão - Vendedor de Quebra-Queixo</b> .....	91

## 1 INTRODUÇÃO

Eram chamados de pregoeiros, no século XIX, vendedores ambulantes que ofereciam seus produtos de forma musicada, geralmente utilizando rimas e até poemas. De acordo com Machado (2004), o ofício foi herdado dos chamados “escravos de ganho”. Comprados para trabalhar fora da casa de seus senhores, estes saíam pelas ruas, para vender produtos produzidos por eles mesmos ou pelos seus senhorios. No geral o lucro era dividido entre as partes, e fonte de sua subsistência, porém o acordo nem sempre era cumprido. Após 1888, com a abolição da escravidão, o ofício se perpetuou devido à necessidade de subsistência dos escravizados, que não conseguiam se inserir no mercado de trabalho.

Devido à alta quantidade e variedade de produtos e vendedores a disposição, para chamar atenção da clientela, os “escravos de ganho” utilizavam da criatividade na sua comunicação verbal e não verbal, com o intuito de “ganhar” o comprador. Prática que se perpetua até hoje.

Conhecidos por gritar/cantar, como forma de anunciar seus produtos, os pregoeiros utilizam como principal recurso a comunicação. De acordo com Viana (2020), é de suma importância registrar as memórias dos pregões dos tempos passados, porque assim se preserva essas lembranças do esquecimento natural, que ocorre com a evolução dos tempos. Assim pontua Bogéa; Vieira (1999, p. 2):

Fala-se muito em preservação dos nossos costumes populares ou do resguardo da memória nacional, para usar uma expressão muito em voga. É uma preocupação natural porque, como vimos observando, os hábitos tradicionais estão sofrendo uma completa metamorfose, em decorrência dos avanços tecnológicos.

O presente trabalho tem como objetivo aprofundar o estudo desse personagem, seu papel histórico e destacar a importância da comunicação popular e cultural do personagem pregoeiro na prática de vendas, além da resistência da oralidade na fala do pregoeiro, mesmo com outros meios de divulgação de seus produtos, hoje. Trazendo um recorte social desse personagem e destacando as características que os diferenciam de outros vendedores ambulantes.

Considerando que as mídias digitais e as redes sociais se tornaram recursos tecnológicos amplamente utilizados como meios de comunicação, este trabalho teve como ponto de partida minha curiosidade sobre o pregoeiro e como este manteve, como principal recurso de vendas, a comunicação oral por mais de 150 anos.

Para contextualizar, no primeiro capítulo o trabalho abordará sobre a memória, história, oralidade e ofícios tradicionais, trazendo suas definições, conceitos e relacionando as temáticas com o ofício do pregoeiro. A proposta é mostrar como esses elementos estão presentes no ato de apregoar e no próprio pregoeiro. O trabalho pode ser considerado um ofício tradicional, pois

passa de geração em geração, onde cada indivíduo carrega consigo a memória e cultura de épocas passadas, que lhe foram ensinados por seus pais, ou tios e avós. Permitindo manter viva a tradição cultural de um determinado grupo social através do trabalho do pregoeiro, que tem como principal característica a oralidade, e principal instrumento a comunicação oral.

No segundo capítulo será abordado a cidade de São Luís, perpassando por sua história social e econômica, como principal centro urbano do Estado do Maranhão desde a sua fundação. Muito citada em músicas, livros, poemas e utilizada como inspiração para a produção destes, São Luís se faz um lugar de memória devido sua grande riqueza natural e cultural. Diversidade e riquezas que lhe renderam o título de Patrimônio da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dentro de sua cultura será destacada a presença do pregoeiro na cidade desde os séculos passados, seu surgimento e como este permanece, como uma testemunha ocular das transformações da cidade ao passar dos anos, carregando, e fazendo parte, da história da cidade.

No terceiro capítulo o pregão será discutido, evidenciando as características existentes no ato de apregoar, que faz com que os pregoeiros se diferenciem dos outros vendedores ambulantes. Serão abordados elementos que construirão o personagem pregoeiro, evidenciando a importância da performance, linguagem oral, corporal e a musicalidade. O mesmo capítulo aponta a tradição pregoeira de São Luís, citando exemplos de antigos pregoeiros que fizeram parte da história da cidade, são lembrados até hoje e foram registrados no livro *Pregões de São Luís*, de Lopes Bogéa e Antônio Vieira. O capítulo também traz os aspectos que contribuíram para a diminuição desses trabalhadores, e as mudanças no pregão, com o decorrer do tempo.

O último capítulo levanta o aspecto social e econômico da questão. Vistos como figuras emblemáticas e que carregam consigo a história viva de um tempo que não volta mais, não raramente, os pregoeiros são lembrados e associados às boas memórias daqueles que consumiam seus produtos. Contudo, sua presença também reflete uma questão social. Desde o seu surgimento até sua diminuição em larga escala, ao longo dos séculos, o pregoeiro teve como principal propósito a subsistência. A própria origem da ocupação é o retrato de pessoas menos favorecidas e injustiçadas socialmente. Percebe-se que o nível de educação está diretamente relacionado às oportunidades de trabalho de um cidadão. Quanto mais instruído maiores são as chances de conseguir um bom emprego formal.

Adaptado às mudanças que o tempo trouxe, o ofício de apregoar se manteve, sendo possível, porém, perceber determinadas mudanças que serão discutidas demonstrando quais as principais características dos pregoeiros hoje e como estes se adaptaram às mudanças trazidas pelo desenvolvimento social e pela industrialização.

Por fim, foram realizadas entrevistas com pregoeiros da cidade de São Luís e do Rio de Janeiro para observar o dia a dia de trabalho e suas histórias de vida, pois além do pregão, uma característica que une esses vendedores é o não reconhecimento ou a não individualização de cada sujeito. No geral, os pregoeiros são conhecidos, e nomeados, pelos produtos que vendem. Quando não, apenas pelo primeiro nome ou por algum outro apelido adotado. Percebe-se uma dicotomia entre a familiaridade que se cria com esses cidadãos, e o pouco conhecimento a respeito destes.

Concluindo a pesquisa, observou-se que o pregão é um importante recurso de comunicação popular que, apesar das transformações sociais, mantém-se vivo nas ruas de São Luís. Percebe-se que a comunicação oral dos pregoeiros tem se ressignificado, adaptando-se sem perder sua essência, permanecendo como seu principal recurso. Apesar de sua importância histórico-cultural, constata-se a necessidade de uma maior visibilidade e valorização desses trabalhadores. O trabalho teve como produto um registro em áudio, que buscou destacar o pregão utilizado pelos pregoeiros entrevistados, que dão continuidade a tradicional prática, preservando essa forma de cultura popular.

## 2 MEMÓRIA E ORALIDADE

### 2.1 Uma mirada teórica sobre a oralidade

O ato de apregoar é, na visão Jerusa Pires Ferreira (1996), uma ferramenta para propagar ofícios tradicionais. Eles, segundo a autora, são as práticas e técnicas do fazer, que estão ligadas à transmissão de conhecimentos, que podem ser repassadas por intermédio da oralidade, muito utilizada pelos pregoeiros que tem como principal instrumento a comunicação oral.

Ferreira (1996) explica a importância da memória e da propagação dos ofícios tradicionais ao longo dos anos, enfatizando o papel deles para a disseminação de saberes aos grupos sociais que, segundo o ponto de vista da autora, os acolhem. Trata-se deste encaminhamento: “Ora, o mestre de um ofício é sempre um sabedor, é alguém bastante diferenciado (...) um detentor de um tipo de liderança, sobretudo por ser aquele que transforma, que inaugura um novo estado cultural. É da sua memória que se projeta a construção do mundo” (Ferreira, 1996, p. 103).

Memória, história e oralidade andam juntas e se misturam na arte de apregoar. Por meio dos seus pregões, rimas e músicas, esses personagens carregam, fazem e tornam-se parte da história.

A memória é um importante elemento na constituição do personagem pregoeiro. De acordo com Portelli (1997, p. 16), trata-se de “um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. O autor defende a individualidade da memória de cada pessoa, pois embora as recordações possam ser baseadas em acontecimentos específicos, nunca serão iguais para duas pessoas. Podendo ser semelhantes, sobrepostas ou até contraditórias.

Sobre o assunto, descreve Pollak (1992, p. 204):

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Chartier (2009, p. 21-22) afirma que memória e história são termos interligados, referentes ao passado. Ambos podem ser utilizados para definir determinado acontecimento, porém possuem significados diferentes. Baseado no livro de Paul Ricœur, *A memória, a história, o esquecimento* (2000), Chartier elenca a importância de ambos os termos e suas diferenças práticas. Enquanto a memória é inseparável da testemunha, sendo necessária a suposição de que as declarações proferidas são verdadeiras, baseadas na confiança outorgada à testemunha. A história utiliza o documento como fonte no qual ocorre a verificação dos fatos mediante o exercício crítico do que é verificável, refutável, considerado verdadeiro ou falso dos

acontecimentos, nos vestígios encontrados no passado (Chartier, 2009). Chartier também destaca a diferença entre história e memória, afirmando que enquanto a primeira busca o reconhecimento do passado, a segunda se trata de sua representação. Na formulação de Ricœur (2000) há uma construção discursiva para abordar o discurso histórico, representando o passado. Encontra-se, portanto, uma “representância” da história, sendo costumeiramente questionada, devido à distância existente entre o passado que está representado e as formas discursivas utilizadas para essa representação.

Diante disso, o autor afirma existir duas formas para certificar a representação histórica do passado. Epistemologicamente, distinguem-se três etapas da operação historiográfica, que consistem em estabelecer a prova documental, construir uma explicação e colocar na forma literária. Por meio da utilização do testemunho da memória como fonte para assegurar a existência do passado. O que o autor define como "matriz de história, na medida em que é a guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado" (Ricœur, 2000, p. 106).

Chartier complementa afirmando que as diferenças não têm como objetivo colocar a memória contra a história, mas sim “mostrar que o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais. O discurso histórico encontra ali a certificação imediata e evidente da referencialidade de seu objeto” (Chartier 2009, p. 23-24).

Enquanto a historiografia é regida pela epistemologia, a crença rege a fidelidade da memória. Porém, de acordo com o autor, não há superioridade ou prioridade de uma em relação à outra, ambas são incomensuráveis, relacionando-se, portanto, enquanto o saber histórico. Há perspectivas vislumbre do desconhecimento ou de erros que podem ter sido gerados por memórias coletivas, as “cerimônias de rememoração” e “institucionalização dos lugares de memória” (Chartier 2009, p. 24). Muitas vezes, esse exercício foi responsável por originar pesquisas históricas originais.

A memória é, então, conduzida pelas comunidades nas quais o passado se faz um elemento essencial no presente, para a construção de seu ser coletivo. A história se define como um saber universalmente aceitável, "científico", no sentido de Michel de Certeau (Chartier 2009).

Apesar de a memória ser um elemento particular de cada indivíduo, Maurice Halbwachs (1990) esclarece que ela deve ser compreendida também, ou sobretudo, como sendo um fenômeno coletivo e social, ou seja, é construída coletivamente e pode sofrer transformações e mudanças constantes com o tempo.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 26).

Viana (2020) afirma que a memória se trata de uma construção seletiva de acontecimentos tanto individuais quanto coletivos de uma sociedade. “É cheiro de passado, sentido e sentimento, ainda que muitas vezes doloroso. (...) onde estão inseridos o convívio familiar, social e cultural dos sujeitos” (Viana, 2020, p. 11).

A autora destaca que todos os indivíduos são participantes dessa dinâmica ocorrida entre a memória coletiva e a memória individual e que, para definir a própria identidade, cada indivíduo passa pelo processo da memória coletiva. E nesse processo é construído o sentido de pertencimento. Nesse sentido, Thompson (2002, p. 208) assegura que “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade”. Sendo assim a memória tem parte com a construção do indivíduo, porque, por intermédio dela, este se identifica e se situa no tempo e no espaço (Viana, 2020).

Essa busca por identidades, que podem ser culturais, sociais ou históricas, incentivam o indivíduo a procurar no seu passado referências temporais, espaciais e sentimentais que o façam se conectar ao mundo. A formação dessas identidades está diretamente relacionada às experiências de vida de cada pessoa, que se tornam parte de um processo, no qual a identidade de cada ser está em constante evolução. Viana (2020) afirmará que a memória se configura em diversos lugares; podendo ser materiais, imateriais, ficcionais, simbólicos ou funcionais pois são, nas palavras da autora, “os lugares de memórias”. Nora (1993, p. 15) comenta que “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos”, sendo esses os responsáveis pela construção e, quando se faz necessário, reconstrução dos sujeitos (Viana, 2020).

A narrativa histórica demanda uma reflexão constante que faz com que os pensamentos se voltem ao passado, possibilitando ainda a construção do conhecimento histórico estabeleça um diálogo entre o passado e o presente. Isso é viabilizado pela análise de diversas fontes, o que permite ao historiador desmontar ideias pré-estabelecidas e criar entendimentos. Portanto, a imparcialidade é essencial para problematizar conceitos já aceitos, ao contrário de julgá-los como detentores de todas as respostas. Nesse sentido, o historiador deve ser imparcial, buscando bases teóricas e críticas para explicar seus conhecimentos, levando em consideração a utilização das diferentes fontes primárias. Visto que os documentos são a base do conhecimento histórico e sem eles os saberes produzidos não passam de especulação (Viana, 2020, p.17).

Para Bittencourt (2008, p. 183):

O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e ao sujeito que o produziram para buscar uma explicação. E para explicar e interpretar os fatos, é preciso uma análise, que deve obedecer a determinados princípios. Nesse procedimento, são utilizados conceitos e noções que organizam os fatos, tornando-os inteligíveis.

Na mesma linha de pensamento, Le Goff (2003, p.44-45,52) afirma que o trabalho histórico tem como finalidade tornar o processo histórico inteligível:

[...] e que esta inteligibilidade conduz ao reconhecimento da regularidade na evolução histórica. [...] A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental de seus historiadores.

A narrativa se torna uma importante ferramenta, ao unir tanto a memória quanto a história oral, para reconstituir a história por intermédio das diversas perspectivas disponíveis.

Souza (2017, p. 3) comenta sobre as narrativas orais e sua relação com a História:

As narrativas orais permitem adentrar um fascinante campo de reflexões para a História, em especial para quem compreende o importante papel que ela desempenha na democratização do conhecimento. Ao mesmo tempo em que nos dá acesso a experiências que de outra forma não alcançaríamos, elas desvelam o processo próprio da narrativa, dando a possibilidade de formular problemáticas importantes para a compreensão do homem e sua relação com o tempo.

De acordo com Silva; Silva (2009), fontes históricas significam “documentos, registros, vestígios, isto é, tudo aquilo que é produzido pela humanidade no tempo e no espaço, ou seja, corresponde a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico” (Silva; Silva, 2009, p. 158). Se torna evidente que as fontes históricas abrangem tudo o que foi produzido pelo ser humano ao longo dos anos. Ao analisá-las, o historiador tem como objetivo interpretá-las, atribuindo-lhes significado e importância. Isso significa que uma única fonte histórica pode ser interpretada de várias maneiras, o que afeta a construção do conhecimento histórico.

Sabe-se que os povos do passado não deixaram vestígios - fontes, com a finalidade exata de orientar os pesquisadores do futuro, mas cada pesquisador, por meio da análise de documentos e vestígios históricos, cria sua própria versão daquilo que pode ter sido o estilo de vida e a situação de um determinado povo, em determinada época. Neste sentido, o historiador intervém no documento que escolhe, ele prefere algumas informações e renega a outras, atribuindo-lhe maior ou menor grau de importância a tais fatos, tudo depende de sua posição na sociedade, de sua organização mental, de suas preferências (Chandocha, 2016, p. 7).

A história não se resume a um único e simples relato linear sobre a evolução humana ao longo dos séculos, contudo deve ser vista como uma ferramenta de reflexão sobre o presente. Seu objetivo é analisar e compreender o mundo atual. Como uma ciência social, a História estuda as ações humanas e sociais, suas relações com o tempo e o espaço, além de possuir uma

série de conceitos específicos que revelam sua natureza única. É uma ciência que busca investigar o passado de uma maneira concreta, sempre em busca dos fatos, que só são considerados verdadeiros depois de passar por um processo rigoroso de pesquisa, estudo, análise, avaliação e comprovação (Viana, 2020).

No que se refere ao relato oral, este relaciona o passado com o presente do narrador. Na visão de Paulo Ricoeur (2007), o relato é a forma que a linguagem oferece para que se possa acessar acontecimentos que, de outra maneira, seriam inacessíveis, por se encontrar no tempo presente sem a capacidade reflexiva que apenas o distanciamento temporal pode proporcionar.

De acordo com Delgado (2010, p.15):

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história de vida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.

A utilização de fontes orais, na pesquisa, possibilita utilizar e validar testemunhos de personagens antes excluídos da história e que foram levados ao anonimato na produção da história tradicional. Devido a isso, a entrevista se faz o principal instrumento do método de história oral.

Conceitualmente, de acordo com Philippe Joutard (1996, p. 43-62), existem quatro gerações da história oral, na instância de uma metodologia. A primeira, oriunda dos anos de 1950, que tinha como intuito coletar materiais que seriam utilizados futuramente por historiadores. A segunda, na década de 1960, que coloca a história oral com o papel de narrar fatos da vida de uma população excluída socialmente, com o intuito de contar o que os documentos escritos (história tradicional) não registravam. A terceira, datada dos anos 1970, começa a entender a história oral como possibilidade de instrumentalizar estudo das classes populares, constituindo-se como metodologia de pesquisa histórica. E por fim, a quarta geração, iniciada na década de 1990, e focada na valorização da subjetividade, como consequência e finalidade da história oral (David, 2013).

Ao registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou, o historiador e os demais profissionais vinculados a pesquisas que utilizam a metodologia da história oral fazem dos testemunhos recolhidos fontes de imortalidade – documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos que ficarão arquivados como registros vivos da multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência (Delgado, 2010, p. 62).

Verena Alberti (2005) defende que a história oral deve ser entendida como visões de mundo e experiências de vida. Ela se destaca pela capacidade de registrar elementos presentes no campo da subjetividade, como sentimentos, ações e memórias. Se diferenciando por ser capaz de “visualizar diversos pontos de vista de um determinado fato histórico, ou seja, a

representação dos fatos baseada no conjunto de valores históricos do entrevistado, do pesquisador e de quem os lê” (David, 2013, p. 159).

Para Alberti (2005, p. 155):

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

O exercício de linkar com o pensamento de Viana (2020) traz um tom original à informação advinda da entrevista, ressaltando-se que não deve ser considerada a própria história e, sim, um elemento utilizado como fonte oral de estudo, na qual o pesquisador deve analisar e interpretar o relato. Para isso, esta precisa ser transcrita para o papel, para que haja a análise da fonte oral na qualidade de um documento, com o objetivo de verificar o que pode ser utilizado das informações coletadas.

O presente trabalho possui como componente principal a oralidade, tanto no que se refere ao próprio personagem estudado, quanto quando ele se utiliza da oralidade como ferramenta primordial de trabalho para vender seus produtos – e é caracterizado e diferenciado pela utilização dela. No que se refere a metodologia de história oral, essa é utilizada para realização de parte da pesquisa, por intermédio das entrevistas realizadas para o levantamento de mais informações.

Além da oralidade, elementos como comunicação, memória, performance, história e linguagem foram postos em prática ao decorrer da produção deste trabalho. E estão diretamente ligados a formação desse personagem histórico, que se adapta com o passar dos anos ao ambiente que lhe é proposto, sem perder as principais características que o definem. Conhecido por muitos, o pregoeiro remonta dos tempos da escravidão no Brasil. De acordo com Viana (2020), não é raro encontrar obras como poemas, música e livros que destacam a presença dos pregoeiros em São Luís. Cordeiro Filho (2002) afirma que a história do personagem é um objeto de preservação da cultura do povo, e seu estudo pode ajudar na reconstrução dos costumes e cultura local daquele período.

A presente pesquisa visa realizar uma investigação sobre esse personagem assim como a elencar a importância da comunicação oral e popular utilizada em seu ofício, que sofreu algumas modificações com o passar dos séculos, mas ainda se faz presente no cotidiano da cidade de São Luís. Trazendo também um recorte social, a respeito do indivíduo por trás do prego e como esse cidadão é, na maioria das vezes, invisibilizado socialmente.

Tendo-se como produto uma produção em áudio (uma gravação, portanto), que irá destacar alguns desses personagens que hoje se fazem presentes nas ruas da cidade e dão continuidade a tradicional prática, preservando essa forma de cultura ludovicense.

### 3 SÃO LUÍS: Ilha de Tradições

#### Louvação a São Luís

Ó minha cidade  
 Deixa-me viver  
 que eu quero aprender  
 tua poesia  
 sol e maresia  
 lendas e mistérios  
 luar das serestas  
 e o azul de teus dias  
 Quero ouvir à noite  
 tambores do Congo  
 gemendo e cantando  
 dores e saudades  
 A evocar martírios  
 lágrimas, açoites  
 que floriram claros  
 sóis da liberdade  
 Quero ler nas ruas  
 fontes, cantarias  
 torres e mirantes  
 igrejas, sobrados  
 nas lentas ladeiras  
 que sobem angústias  
 sonhos do futuro  
 glórias do passado.

Letra e melodia: Bandeira Tribuzzi (Conheça [...], 2018).

Ilha do Amor, Atenas Maranhense, Capital do Reggae, Capital Brasileira da Cultura. Esses são apenas alguns títulos conferidos à cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, que comemora no dia 08 de setembro de 1612, sua fundação.

São Luís faz parte da ilha Upaon-açu, nome dado pelos Tupi-Guarani que significa ilha grande, e está localizada no litoral do Maranhão, na região nordeste do Brasil. Sua diversidade étnica tem influência portuguesa, africana e indígena, e sua cultura é igualmente diversificada.

Formada por paisagens e diversas características ambientais únicas, como suas praias, manguezais e reservas naturais, a ilha possui um patrimônio cultural vasto, sendo berço de autores como Aluísio de Azevedo, Gonçalves Dias, Graça Aranha e João Lisboa.

Além da literatura, a cultura está presente nas manifestações artísticas e culinária diferenciada, que fazem parte da história da cidade e do estado. O bumba-meu-boi, considerado Patrimônio Imaterial do povo brasileiro, o tambor de crioula, o reggae e a dança do Cacuriá,

são alguns exemplos dessas manifestações, que já se tornaram parte da vida dos ludovicenses e chamam a atenção, ganhando a admiração de quem visita a cidade.

De acordo com Viana (2020), São Luís se assume um lugar de memória devido sua riqueza cultural e pluralidade, se tornando um patrimônio memorial que vai além de apenas suas estruturas físicas, mas envolvendo também as diversas memórias coletivas que permeiam as lembranças dos ludovicenses.

Como lugar de memórias, a cidade de São Luís sempre foi cantada em versos e lembrada em poemas das mais variadas gerações. Essas memórias que marcam a história da cidade, são revisitadas a cada instante e precisam ser preservadas, dando assim, sentido e identidade ao ludovicense (Viana, 2020, p.41).

A respeito do lugar de memória, Nora (1993, p. 220) evidencia:

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história.

Desde músicas que retratam as belezas naturais da cidade, até poemas, contos e obras inspiradas na cultura viva da ilha; São Luís se faz lugar de memória e entra para história mediante esses registros.

Músicas como Ilha Magnética, de César Nascimento, Jamaica a São Luís da cantora maranhense Alcione, Ilha Bela de Carlinhos Veloz, São Luís, Um Universo de Encanto e Magia, música Samba Enredo de 2010 da Escola Unidos do Tucuruvi e Quando São João Chegar da banda Tribo de Jah, são exemplos de canções que viraram hinos conhecidos no Brasil inteiro e que eternizaram as belezas da capital do Maranhão. (Rumo [...], 2022).

Ah! Que horizonte belo de se refletir, outro dia me disseram que o amor nasceu aqui. Saiu de trás do sol, com o jeito de guri. Tanto novo como leve, o amor nasceu aqui. Ponta d'Areia, Olho d'Água e Araçagi, mesmo estando na Raposa eu sempre vou ouvir, a natureza me falando, que o amor nasceu aqui. (Ilha [...], 2012).

Poetas também já utilizaram a cidade como inspiração para seus poemas, que ficaram marcados na história da literatura brasileira e muito conhecidos mundialmente. Afinal, é difícil não reconhecer certos versos e estrofes, como os criados por Gonçalves Dias, em seu poema Canção do Exílio:

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá; (...). (Começa [...], 2018).

Autores como Bandeira Tribuzi, com Hino de louvação de São Luís, Nauro Machado, em Pequena Ode a Tróia e Ferreira Gullar, com Poema sujo, também eternizaram São Luís na história por meio da poesia.

São Luís não ficou gravada apenas em poemas e canções, mas também foi cenário na literatura brasileira, trazendo consigo a tradição dos tempos áureos da cidade e sua cultura, incluindo os pregoeiros. A exemplo pode-se citar a obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. Lançado em 1881, o livro, que inicia o movimento literário Naturalismo no Brasil, tem como personagem principal Raimundo, o mulato filho bastardo de um fazendeiro com sua escrava. A obra faz uma forte crítica social e aborda temas delicados como escravidão, preconceito racial, hipocrisia social, adultério e a corrupção do clero.

A história tem como plano de fundo a São Luís do século XIX e já nas primeiras páginas é possível encontrar referências ao personagem que naquela época era tão comum e se misturava nas paisagens: o pregoeiro.

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor (...). Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.

A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. (...) do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: "Fígado, rins e coração!". Era uma vendedeira de fatos de boi. (...) Ao longe, para as bandas de São Pantaleão, ouvia-se apregoar: "Arroz de Veneza! Mangas! Mocajubas!".

(...) Da Praia de Santo Antônio enchiam toda a cidade os sons invariáveis e monótonos de uma buzina, anunciando que os pescadores chegavam do mar; para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas.

A Praia Grande e a Rua da Estrela contrastavam, todavia, com o resto da cidade, porque era aquela hora justamente a de maior movimento comercial. (Azevedo, 1881.)

Histórica e economicamente, São Luís foi sede do governo do estado do Maranhão desde a sua fundação em 1612. A capital possuía importante papel econômico devido ao seu porto estratégico, que viabilizou que a cidade se tornasse o centro de exportação e importação de toda a região, no século XVIII (Viana, 2020).

Porém, de acordo com Schwarcz (1998), no final do século XIX e início do século XX, o Brasil passou a viver as mudanças causadas pela troca de regime de governo para a República, e surgimento do Capitalismo. Movimentos que causaram crescimento urbano e mudanças sociais, no trabalho e de renda.

Lima (2003), comenta que no Maranhão, especificamente, o cenário que se formou foi de uma sociedade que acabou de sair do regime de escravidão, mas que continua tendo conflitos

tanto sociais quanto econômicos típicos das sociedades escravistas. Nesse contexto, com o intuito de se modernizar, São Luís começa a buscar melhorias no campo da educação com o intuito de desenvolver social e economicamente o Estado. A busca por essa mudança é, segundo o autor, influência da elite intelectual recém-chegada das universidades da Europa, que dominavam a economia rural (Lima, 2023).

Sobre o assunto, Costa (2014) comenta sobre a urbanização da cidade, citando a migração realizada pelos fazendeiros, do campo para a capital. Ali, estes se concentraram no bairro da Praia Grande, que cresceu ainda mais formando o centro comercial da cidade e o mais importante do Estado. A região se tornou habitada por ricos comerciantes e fazendeiros, o que refletiu na arquitetura das propriedades, dando um novo padrão de riqueza aos casarões e sobrados. Nessa época, também foram construídos o cais da Praia Grande e a Casa das Tulhas, que são conhecidos e ponto de referência até hoje. Entretanto, é também no final do século XIX que o movimento abolicionista chega ao País, e após a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, deu-se início ao processo de grandes mudanças sociais que desencadearam uma crise econômica no Maranhão, e na cidade de São Luís (Viana, 2020).

A crise fez com que o comércio e bairro da Praia Grande entrasse em declínio. Com a abolição da escravatura, outro movimento de transformação social se iniciou. O fluxo de pessoas buscando melhores condições de vida, oriundas do campo para a cidade, aumentou, fazendo com que a área ao redor do centro da cidade começasse a ser ocupada por esses indivíduos. As periferias cresceram sem estrutura, de forma desordenada e rápida. A população, que veio em busca de sustento, encontraram uma situação precária de vida e subempregos até os anos de 1930 (Lima, 2003).

O cenário só começou a mudar após o surgimento do setor têxtil e comércio. Mesmo havendo a expansão do comércio formal na cidade, o comércio informal se estabeleceu em todas as áreas, em razão da crise econômica, como o principal meio da população mais carente ter acesso a produtos básicos, em pequenas quantidades e por preços acessíveis. Produtos que em sua maioria eram oferecidos de porta em porta (Viana, 2020).

O pregoeiro se encontra dentro dessa classe de comerciante informal, que também pode ser conhecido como vendedor ambulante, diferenciando-se em alguns aspectos que serão discutidos posteriormente. Resultado da desigualdade social, baixos níveis de escolaridade e oportunidade de se qualificar e integrar o mercado formal de trabalho, hoje, esses profissionais informais fazem parte do contexto social e se encontram não só em São Luís e no Brasil, como em todo mundo, principalmente nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos (Viana,2020).

Trazendo ao contexto atual, mesmo com o surgimento de políticas públicas de planejamento e desenvolvimento tecnológico, social e econômico, o comércio informal se mantém sendo parte importante da economia.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizada para o primeiro trimestre do ano de 2024 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 38,9 milhões de trabalhadores informais, com uma taxa de desemprego de 7,9%, o equivalente a 8,6 milhões de pessoas. O Instituto engloba na classificação, trabalhadores por conta própria sem registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), trabalhadores familiares auxiliares, empregadores sem registro no CNPJ, empregados domésticos sem carteira de trabalho assinada e empregados no setor privado sem carteira de trabalho assinada.

Dentre as maiores taxas de informalidade, o Maranhão é o Estado que se encontra em primeiro lugar, com 57,5% de taxa de informalidade no trabalho, seguido do Piauí (54,9%) e Ceará (54,0%). As regiões Norte e Nordeste possuem as maiores taxas do país. (Costa, 2024).

### **3.1 Centro histórico: patrimônio da humanidade**

No que se refere ao principal local de concentração desses vendedores, desde seu surgimento até hoje, o Centro Histórico foi originado junto com a cidade, e é retentor de um conjunto arquitetônico que conferiu a São Luís, em 1997, o título de cidade Patrimônio Mundial da Humanidade, pela UNESCO.

O Centro Histórico de São Luís se destaca pela uniformidade e pela beleza simples e regular dos seus imóveis, formando um dos maiores conjuntos arquitetônicos de essência portuguesa ainda preservados da América Latina. Fatores que levaram este conjunto a compor a lista da UNESCO de patrimônios culturais do mundo, em 1997 (Maranhão, [202-]).

Os casarões e fachadas de azulejos, datados dos séculos XVIII e XIX, formam o Centro Histórico da cidade, que é a capital brasileira com maior número de casarões em estilo tradicional português e o maior conjunto arquitetônico homogêneo da América Latina.

Possui um acervo arquitetônico colonial avaliado em cerca de 4 mil prédios, distribuídos por mais de 220 hectares, sendo grande parte deles sobradões com mirantes, muitos revestidos com azulejos portugueses. Construídos pelos senhores que comandavam a produção de algodão na região, os solares e sobrados são marcas do apogeu econômico da cidade (Maranhão, [202-]).

Tombado anteriormente, em 1974, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o órgão afirma que o título mundial foi resultado de a cidade conter um testemunho da tradição cultural rica e diversificada, além de ser um magnífico exemplo de cidade colonial portuguesa:

[...]com traçado preservado e conjunto arquitetônico representativo. Por se tratar de uma cidade histórica viva, pela sua própria natureza de capital, São Luís se expandiu, preservando a malha urbana do século XVII e seu conjunto arquitetônico original. Em toda a cidade, são cerca de quatro mil imóveis tombados: solares, sobrados, casas térreas e edificações com até quatro pavimentos (IPHAN, c2014)

A UNESCO, com o objetivo de proteger e preservar o patrimônio da humanidade, ajuda economicamente e tecnicamente esses locais. No Brasil, o IPHAN é o responsável pelo cuidado do patrimônio.

Formado pelos bairros da Praia Grande e Desterro, a região concentra hoje museus, centros de cultura, teatros, cinema, bares, restaurantes, feiras e uma infinidade de lojas de artesanato. Estão ali também praças, charmosos becos, escadarias, ladeiras e algumas das mais belas ruas da parte histórica da cidade, como a Rua Portugal e Rua do Giz e Largo do Comércio (Maranhão, [202-])

Localizado no centro histórico de São Luís, o bairro da Praia Grande é o maior atrativo turístico da cidade e onde se concentra um grande número de elementos culturais, estéticos e arquitetônicos, que já não se pode encontrar em outros bairros da cidade.

De acordo com Carvalho e Netto Simões, (2011), o bairro é um núcleo que ainda possui uma diversidade de usos, concentrando um conjunto de atividades tanto comerciais e institucionais, quanto portuárias e residenciais, onde se encontra uma variedade de populares que ainda mantém atividades tradicionais, como: feirantes, engraxates e, dentro desse grupo, os pregoeiros.

As autoras ressaltam como o bairro, repleto de características que se fundem e se misturam entre o novo e o antigo, o presente e o passado, torna-se um construtor de identidades e um marco de referências físicas e culturais:

Becos, escadarias, ruas e pedras de cantaria; solares, sobrados e mirantes complementam a ambiência colonial, atraindo um público de turistas e visitantes. O bairro da Praia Grande e seus elementos definidores constituem-se um texto que enuncia a história da cidade e sobre o qual emergem diferentes interpretações por parte daqueles que nele estabelecem vínculos de pertença. Assim, torna-se possível a sua inferência como espaço híbrido, de tempos idos e vindouros, da memória individual e social, lugar turístico e lugar de singularidade, da diferença e da semelhança e, portanto, construtor de identidades (Carvalho e Netto Simões, 2011, p. 636).

De acordo com Carvalho e Netto Simões (2011), as referências urbanas que estão presentes na Praia Grande revelam a permanência dos diversos testemunhos que tornaram possível o desenvolvimento urbano do bairro, mesmo que revestidos de novas funções e significados:

Nessa perspectiva, o núcleo inicial da cidade apresenta-se como um texto fragmentado, sobreposto por diferentes vozes do passado, e que são acionadas, enquadradas, reelaboradas e transformadas pelos viventes, mediante o dispositivo da memória (Carvalho e Netto Simões, 2011, p.636).

### 3.2 Pregoeiros

Os pregoeiros foram figuras presentes na vida cotidiana da população de São Luís, desde a época do Brasil imperial até a década de 1990, em grande quantidade e proeminência. Embora sua existência tenha diminuído consideravelmente, estes ainda se fazem presentes hoje e já se tornaram verdadeiros personagens da história cultural da cidade.

Eram chamados de pregoeiros, no século XIX, vendedores ambulantes que ofereciam seus produtos de forma musicada, geralmente utilizando rimas e até poemas. De acordo com Machado (2004), o ofício foi herdado dos chamados “escravos de ganho”. Comprados para trabalhar fora da casa de seus senhores, estes saíam pelas ruas, para vender os produtos produzidos por eles mesmos ou nas fazendas de seus senhorios. No geral o lucro era dividido entre as partes, de acordo com o valor acordado pelo senhor. Sendo esta a fonte de subsistência do escravo, porém o acordo nem sempre era cumprido, em geral beneficiando o senhor.

Convém destacar que os escravos de ganho assumem um importante papel social a partir dessa época, pois desempenham variadas funções, desde carregadores, vendedores de leite, barbeiros, sapateiros, cozinheiros, entre outras atividades, além da função mais comumente exercida entre elas: a de vendedor; que posteriormente seriam chamados, como conhecemos hoje, de vendedores ambulantes. Contribuindo assim para o desenvolvimento de um sistema de trabalho urbano, na época. Após 1888, com a abolição da escravidão, o ofício se perpetuou devido à necessidade de subsistência dos escravizados, que não conseguiam se inserir no mercado de trabalho.

Costa (1991, p. 19-20) ilustra bem como era a relação entre escravo e senhorio:

Era muito rentável para o proprietário de escravos colocá-los no ganho. Estima-se em três a quatro anos o tempo necessário para se recuperar o capital investido na compra do escravo. As vantagens de se colocar um negro no ganho eram várias, pois a própria atividade dispensava instrução especial, bastando apenas investir na compra de um único negro para se obter uma fonte de renda. Tal prática foi cada vez mais utilizada ao longo do século XIX, encontrando-se pequenos proprietários cuja única fonte de renda era o ganho de seu escravo. A manutenção do escravo poderia ser de responsabilidade tanto do senhor quanto do escravo dependendo do que ficasse acertado entre os dois.

Santos (2015) explica que, em São Luís, os lugares que mais concentravam escravos de ganho eram nos bairros da Praia Grande e Desterro e na Fonte do Ribeirão, por serem locais onde se desenvolviam as principais atividades econômicas, comerciais e portuárias da cidade, naquela época. Além de ser o local das residências de uma parte da elite da sociedade. “Foram justamente nesses ambientes que mais se desenvolveram os principais sistemas de exploração da escravidão urbana: o sistema de ganho, de aluguel e a escravidão doméstica” (Santos, 2015, p. 44).

Devido à alta quantidade e variedade de produtos e vendedores à disposição nas ruas, para chamar atenção da clientela, os “escravos de ganho” utilizavam da criatividade na sua comunicação verbal e não verbal, com o intuito de “ganhar” o comprador. Prática que se perpetua até hoje. Conhecidos por gritar/cantar, como forma de anunciar seus produtos, os pregoeiros utilizam como principal recurso a comunicação.

O cenário só começou a mudar a partir de 1850, com o fim do tráfico negreiro, quando o Brasil foi atingido pela crise agrária. Concomitantemente, a modernização das fazendas de café ocasionara o aumento de imigrantes no país. Fazendo com que o tráfico de escravos das províncias em decadência do Nordeste para o centro-sul aumentasse, e o internacional decaísse, prejudicando a economia de São Luís. Diante da crise financeira, tornou-se inviável para os senhores manter os escravos, o que ocasionou em um aumento significativo de escravos e ex-escravos nas ruas da cidade, buscando um meio de subsistência informal.

A transição do escravo de ganho para o ofício de pregoeiro ocorreu após o ano de 1888, quando os antigos escravos, que não conseguiam se inserir no mercado de trabalho formalmente, continuavam vendendo nas ruas, como meio de sobrevivência. Era muito comum a venda de produtos naturais como verduras, juçara, peixe, caranguejo e camarão, assim como utensílios domésticos como redes, baldes, canecas e vassouras. Muitos desses produtos ainda são encontrados sendo vendidos pelas ruas da cidade atualmente, mas na maioria das vezes por vendedores ambulantes, que não possuem a maneira característica de vender do pregoeiro. Embora ainda seja possível encontrar pregoeiros, em menor número.

É importante destacar o papel da linguagem na construção do personagem pregoeiro. Para Hall (2002, p. 158), “a linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais auditivos habitualmente utilizados”. No caso do pregoeiro é evidente a utilização da linguagem como forma de evidenciar sua cultura popular e persuadir sua clientela. Viana (2020, p. 71) destaca que:

Outro aspecto que chama atenção dentro da performance do vendedor é a linguagem usada para persuadir o possível freguês. Tal linguagem como forma de se expressar seguramente é fruto de uma cultura arraigada em um cotidiano permeado de memórias, de signos e significados que são passados de geração em geração através da tradição oral, muito presente nas camadas mais populares.

A memória se constitui um fator contribuinte para a permanência e reconhecimento desse personagem, que apesar de todas as mudanças continua existindo, mesmo com o desenvolvimento das cidades e industrialização, fatores que contribuíram para sua diminuição. Utilizada como forma de trazer de volta o que foi vivido, a memória guarda recordações e lembranças, sendo responsável tanto por rememorar o que foi aprendido e realizado no decorrer

dos anos quanto por escolher o que esquecer. Sendo assim bem seletiva. Essas escolhas auxiliarão na formação da personalidade de cada indivíduo, de acordo com o conjunto de memórias estabelecidas e descartadas.

A memória irá possuir diversas funções, e uma delas é a de preservação da identidade. Além de ser um elemento diretamente responsável pela constituição da personalidade e peculiaridades de cada pessoa, de acordo com o que está viveu e aprendeu, por meio dela é possível reconstituir uma história mediante observação de diferentes narrativas do passado (Viana, 2020).

Para Monteiro (2016), o indivíduo possuirá uma gama de relatos, que compõem uma história viva. Ao serem memorizados servem de fonte para análise científica pela História oficial, fato que segundo o autor “descaracteriza oficialmente o senso comum que apresenta a memória como simples elemento da imaginação” (Monteiro, 2016, p. 8).

De acordo com Viana (2020), é de suma importância registrar as memórias dos pregões dos tempos passados, porque assim se preserva essas lembranças do esquecimento natural, que ocorre com a evolução dos tempos. Assim pontua Bogéa; Vieira (1999, p. 2):

Fala-se muito em preservação dos nossos costumes populares ou do resguardo da memória nacional, para usar uma expressão muito em voga. É uma preocupação natural porque, como vimos observando, os hábitos tradicionais estão sofrendo uma completa metamorfose, em decorrência dos avanços tecnológicos.

A principal distinção de um pregoeiro para qualquer outro vendedor é sua comunicação. Sua linguagem buscava atrair o freguês, e para isso ele utilizava de recursos linguísticos que davam singularidade a sua comunicação. Utilizando rimas, músicas e poemas, enfatizava sílabas e até mesmo vogais para se destacar e atrair a atenção. Com termos utilizados pela população em geral, gerava familiaridade e simpatia nas pessoas, atraindo estas para o seu produto. Daí a importância da linguagem e comunicação no ofício. Devido a uma linguagem singular, e ao mesmo tempo tão familiar, o personagem se tornou cada vez mais conhecido e característico, se diferenciando dos demais vendedores. Os pregões, como são chamados os cantos, são realizados pelos pregoeiros, que diversificam as formas de apregoar. Mas todos têm as mesmas similaridades supracitadas.

Os pregoeiros não são uma exclusividade ludovicense, estes não fazem parte apenas da cultura regional, mas sim nacional. De acordo com Bogéa e Vieira (1999), no passado estes já foram muito importantes para a economia, pois em muitas localidades seus produtos eram uma importante fonte de renda e abastecimento e por vezes a única. Diferente de hoje em que encontramos produtos, em sua maioria industrializados, a maior parte das mercadorias vendidas por estes, séculos e décadas atrás, consistiam em produtos naturais, produzidos por eles

mesmos, muitos de uso imediato e outros mais duradouros, como frutas, café torrado, pamonha, camarões, doces, temperos, sorvete e utensílios simples para uso domésticos, como carvão e vassouras (Viana, 2020).

A obra nomeada “Pregões de São Luís”, produzida por Lopes Bogéa (Fundação Cultural do Maranhão, 1980), em parceria com o compositor Antônio Vieira, reúne diversos registros de pregões que fizeram história e fazem parte da memória da cidade. A obra também foi registrada em LP no ano de 1988 e em CD’s, em 1999. Além de possuir uma reedição em 2002, com registro vocal de Antônio Vieira e republicação do livro em 1999.

Percebe-se então, que o pregoeiro se tornou um personagem histórico com uma função tanto social quanto econômica, que se eternizou na memória das pessoas, nos textos em prosa e nas músicas e poesias. De acordo com Cordeiro Filho (2002), a história do pregoeiro ludovicense é um registro do dia a dia do cidadão maranhense e se torna um objeto da preservação da cultura popular, que pode ser estudado possibilitando assim o entendimento sobre questões de identidade cultural. Assim como sua análise, do seu ambiente e a forma como estes se relacionam e se expressam podem ajudar na construção da identidade daqueles que, naquela época, representavam tanto a cultura local quanto os costumes sociais.

#### **4 O PREGÃO:** a oralidade em ação

A diferença do pregoeiro para outros vendedores ambulantes é a forma de vender seu produto, que ele faz através do ato de apregoar. O pregoeiro não apenas vende, ele performa, se diferenciando na maneira de falar/cantar sua venda, e muitas das vezes na forma de se portar, andar e tratar o cliente.

A palavra Performance vem do francês *performance*, de *parformer* - *accomplir* que significa fazer, cumprir, concluir, conseguir. De acordo com Viana (2020), dentro do ambiente artístico, o termo pode abordar diversas possibilidades de manifestações que abrangem a literatura, teatro, música, dança, artes visuais, audiovisuais, estando presentes também na construção cênica, como uma forma de linguagem.

O termo Performance possui vários significados e conceitos, e sua origem ainda é discutida. De acordo com Glusberg (1987), ela pode ser encontrada tanto em antigos rituais tribais, cenários medievais, passando pelos espetáculos organizados por Leonardo da Vinci, no século XV, e por Giovanne Bernini dois séculos depois, além de também ser encontrada nas tradições egípcias.

Em seus diversos significados, constata-se que a performance é uma expressão artística que abraça vários conceitos distintos(...). A performance pode ser vista como uma quebra de rotina, um artifício que atrai o espectador a participar da obra, sendo capaz de modificar a forma como ele (espectador) vê o seu entorno e as situações que lhe são comuns (Viana, 2020, p. 59).

Estudiosos do assunto, como Schechner (2003) e Zumthor (1997), destacam como a performance também se fez presente em manifestações artísticas que datam do início do século XX, como por exemplo o Dadaísmo, Surrealismo e Futurismo. Além do papel da performance na democratização dos espaços teatrais, na arte contemporânea. Zumthor (1997) afirma que a performance é composta de uma complexidade que irá se materializar na transmissão de uma mensagem em formato de poesia, sendo esta tanto materializada quanto transmitida no mesmo momento, o que faz com que o receptor a receba e interprete seu significado concomitantemente.

Santaella (1995) comenta que, no que se refere a linguagem oral, a performance utiliza diversas funções comunicativas, utilizando elementos corporais que irão auxiliar na expressão dos pensamentos por meio da fala. O pregoeiro ao tentar vender seu produto utiliza não só a voz para isso. A maneira de abordar o cliente, como e o que falar, o pregão utilizado, a altura da voz, a forma de andar, e se portar, seus gestos, tudo faz parte de uma performance, que ele realiza utilizando seu corpo, para conseguir seu objetivo: atrair o freguês e o entreter o suficiente para que este tenha interesse no seu produto a ponto de comprá-lo.

Quilici (2014), segue na mesma linha, quando afirma que o ato de performar insere elementos implícitos a ação, como por exemplo o pensamento e a linguagem corporal que, embora nem sempre sejam notados, são formas de expressar algo. O ato de apregoar utiliza elementos que podem não serem notados individualmente, mas que irão compor a performance que, no final, irá caracterizar a forma de vender desses indivíduos. O ritmo, a rima e a modulação e entonação da voz ao apregoar podem ser exemplos de elementos implícitos. O que precisa ser dito, como, por exemplo, qual produto está sendo vendido, e por qual valor, se une a esses elementos implícitos, criando assim a performance que é realizada no ato da venda, ajudando para que ocorra uma maior persuasão do vendedor ao cliente, e assim a compra seja realizada.

Como todo processo de compra e venda, é necessário não só chamar a atenção do provável comprador como também prender sua atenção por tempo suficiente para que este possa analisar o produto e decidir se quer comprá-lo ou não. Para o pregoeiro isso precisa ser feito de forma rápida e, portanto, eficiente. Como vendedor ambulante, as ruas são seu local de trabalho e seus clientes estão apenas de passagem. O pregoeiro precisa chamar a atenção da pessoa no primeiro contato, e para isso sua performance é essencial. O pregoeiro é a vitrine de seu produto, e seu conjunto performático é o que possibilitará que este convença seu cliente a realizar a compra.

É propício destacar que tanto o pregão quanto a performance podem ser adaptadas de acordo com o cliente em questão. Dependendo da expertise do pregador para perceber como melhor se adequar de acordo com o local, ambiente e principalmente perfil de cliente que ele quer efetuar a sua venda.

Além da performance, outro elemento importante que compõe a ação de apregoar é a musicalidade. Tinhorão (1976) explica que o pregão possui uma tendência, que ele conceitua como inapelável, para transformar-se em música. Visto que com as possibilidades de modulação da voz e entoação das sílabas, o pregoeiro “acaba, invariavelmente cantando em bom sentido, os nomes dos artigos que tem para vender ou que deseja comprar” (Tinhorão, 1976, p. 50).

No que se refere a musicalidade existente nos pregões, Viana (2020, p. 64) relaciona a similaridade e relação do pregão com o jingle:

(...) são maneiras especiais de apresentar o produto que fazem do pregoeiro e do seu pregão um vendedor atrativo. Pode-se afirmar, que o pregão, em sua musicalidade, se concretiza como uma das mais antigas formas de jingle já usada na publicidade de produtos. Mesmo com tanta significância, ainda há pouco registro do uso do pregão e de suas origens ainda discutidas e reinventadas.

O termo inglês jingle significa “soar, retinir” e de acordo com a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Chagas *et al.*, 2010, p. 2), jingles “são mensagem publicitária em forma de música, geralmente simples e cativante, fácil de cantarolar e recordar, criada e composta para a propaganda de uma determinada marca, produto, serviço”.

Viana explica que os jingles surgiram a partir de palavras ou frases musicadas, estando presentes em propagandas e publicidades nas rádios, a partir da década de 1920. “Essa forma de comunicação foi inspirada possivelmente nos pregões utilizados pelos pregoeiros” (Viana, 2020, p. 64).

A palavra Pregão tem origem no latim *praeconium*, que significa “anúncio em voz alta” e foi adotado justamente pela maneira com a qual os produtos eram anunciados pelas ruas das cidades, por meio de gritos e rimas. Com o desenvolvimento e surgimento da mídia impressa e do rádio, essa linguagem que antes era utilizada apenas pelos ambulantes passou a ser adaptada a esses meios de comunicação, onde foram utilizados os jingles, que tinham como principal característica anunciar o produto, utilizando melodias (Viana, 2020).

É necessário destacar a linguagem como um dos elementos mais importantes ao realizar um pregão. É a linguagem popular, utilizada pelo pregoeiro, que traz ao freguês identificação em relação ao produto. Geralmente carregada da cultura popular local, o pregoeiro utiliza em sua linguagem termos e expressões conhecidas pelo seu público, que traz familiaridade e ajuda na persuasão para comprar o produto. Utilizando um vocabulário simples, que reflete também a própria identidade do pregoeiro, a linguagem é mais uma forma de expressar a tradição oral contida tanto no pregoeiro, quanto na população que compõe seu público-alvo.

O pregoeiro utilizará outras estratégias de oralidade para a realização do seu pregão, que eram encontradas no passado e continuam presentes hoje. As chamadas e os gritos específicos, são utilizados para anunciar seus produtos de forma clara e audível, tendo a voz como seu principal instrumento. O ritmo e a melodia, são estratégias que tornam suas chamadas mais atraentes e fáceis de lembrar. Isso ajuda a criar uma identidade sonora que os clientes reconhecem de longe. A repetição também é um elemento constante dos pregões, que ajuda a fixar a mensagem na mente das pessoas, sendo uma técnica muito utilizada pelo pregoeiro.

Além disso, a interação direta com as pessoas, por meio de brincadeiras ou mesmo provocando um diálogo ajuda nas vendas e a utilização do humor é uma ferramenta eficaz para atrair a atenção e criar uma conexão com os clientes. Piadas, trocadilhos e comentários engraçados ajudam a tornar a experiência de compra mais agradável.

A demonstração de produtos é mais um artifício utilizado. Em alguns casos, os pregoeiros fazem pequenas demonstrações dos produtos, como provar uma fruta ou mostrar a funcionalidade de um item, para convencer os clientes da qualidade do produto.

Entende-se, pois, que de acordo com a definição de performance e dos elementos supracitados, a venda neste caso, pode ser definida como uma manifestação cênica, em que o corpo é utilizado para criar, contar e recriar histórias como meio para vender os produtos, além de formar a identidade do pregoeiro. “Por essa ótica, podemos considerar que a performance do vendedor de rua e sua arte de persuadir através de gestos, entoação e imitação de voz, é também uma ação teatral” (Viana, 2020, p. 73).

#### **4.1 Pregões de São Luís: a tradição pregoeira na ilha**

Com o passar do tempo, tudo muda e se transforma. A sociedade se adequa aos novos tempos, às novas tecnologias e costumes. Com os pregoeiros não foi diferente. Com o desenvolvimento da cidade, ocorreu também a mudança na forma de vender produtos. Afetando diretamente a quantidade de pregoeiros exercendo esse papel nas ruas. Hoje, embora ainda existam, estes são encontrados em menor número. Não se vê mais tantos vendedores de porta em porta pelos bairros, gritando seus pregões e vendendo seus produtos - muitos desses feitos por eles mesmos.

Foi percebendo as mudanças decorrentes dos avanços tecnológicos, que consequentemente mudaram também os hábitos tradicionais e costumes populares na cidade de São Luís, e tendo como objetivo levar para a posteridade a antiga São Luís e a importância cultural dos pregoeiros, que o jornalista Lopes Bogéa na década de 1980 acompanhado do compositor Antônio Vieira, publicaram na década de 1980, o livro “Pregões de São Luís”, como já supracitado.

Formado por um compilado de memórias sobre os principais pregoeiros conhecidos na cidade e de seus pregões, o livro é considerado uma obra de pesquisa folclórica e de arte, que buscou retratar a vida maranhense em pregões, trazendo não só uma caracterização dos pregoeiros, os autores também musicalizaram os pregões, colocando suas partituras na obra.

É o que explica Bogéa; Vieira (1999, p. 2):

(...) o resultado é este trabalho simples, sem veleidades intelectuais, mas de grande alcance sociológico, porque, afinal de contas, o tema focado diz respeito à vivência diária do homem comum, através do pregoeiro que enchia de vida as nossas ruas, com o cantar de seus produtos.

Pregões de São Luís é, destarte, uma modesta contribuição nossa ao registro de um passado quase desaparecido, às gerações que estão chegando ou que ainda vão chegar.

Nota-se, assim, a importância da realização de estudos a respeito dos pregoeiros, tanto no que se refere a preservação da cultural local, como para registro histórico. Trata-se de personagens originados desde as primeiras décadas do século XX, destaca-se os pregões que marcaram diferentes épocas da cidade.

Eternizados na memória da população, principalmente dos cidadãos mais antigos, alguns pregões são lembrados até hoje, fazendo parte da história da cidade. São Luís foi perpetuada com a presença de pregoeiros, que vendiam os mais diversos produtos. Desde alimentos, entre os quais, podem ser citados emblemáticos pregoeiros como o Laranjeiro, o Vendedor de Caranguejo, o Homem do Peixe, Mingau de Milho, Rolete de Cana, Juçara, Camaroeiro, Derressó, o Verdureiro e a Doceira. Até produtos de uso caseiro, como utensílios domésticos ou objetos para o dia a dia, que eram vendidos por pregoeiros como o Garrafeira, o Jornaleiro, o Vassoureiro, Banho Cheiroso e o Amolador de Faca.

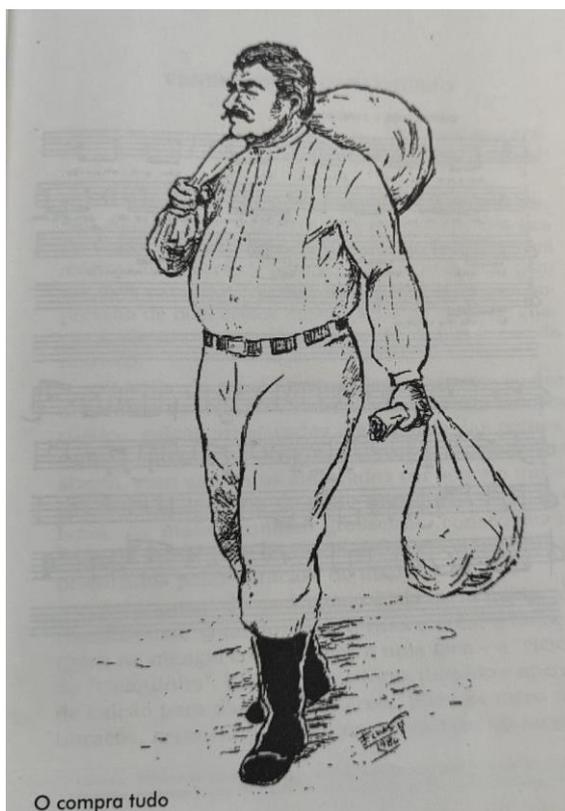
Alguns destes tradicionais pregoeiros possuem registro dos pregões, tais como: Compra Tudo, Mingau de milho, o Jornaleiro, Arroz de Cuxá, Caruru com Bola, Pamonha, o Carvoeiro e o Sorveteiro.

#### 4.1.1 Compra tudo

Compra ouro, compra prata, compra chumbo,  
compra roupa velha, compra guarda-chuva velho,  
compra sombrinha, compra tudo ...  
Compra até bicho, freguês!... (Bogéa; Vieira, 1999, p. 21)

O pregão acima era entoado pelo italiano “José, o da loteria”, mas conhecido como “Compra Tudo”. (Figura 1). De acordo com Bogéa e Vieira (1999), José emigrou da Sicília na Itália, para o Brasil, vivendo em São Luís onde, na falta de um bom emprego, decidiu sair pelas ruas da cidade com dois sacos de pano nas costas, comprando e vendo tudo que pudesse, para garantir seu sustento.

Figura 1 – O compra tudo



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

Conta-se a história de que em uma de suas transações, Compra Tudo comprou determinadas torneiras para revender, sem saber que elas tinham sido furtadas da antiga companhia americana Ullen, que fornecia água e luz a São Luís àquela época. Levado para a delegacia, o italiano foi considerado inocente e solto, mas não antes de passar algumas horas na cadeia, por ordem do então comissário, Milton Guimarães (Bogéa; Vieira, 1999).

Após sua saída, José incluiu no final do seu pregão a experiência vivida:

"Compra ouro, compra prata, compra chumbo,  
 compra roupa velha, compra guarda-chuva velho,  
 compra sombrinha, compra tudo.

Compra até bicho... menos torneiras da ULEN ... freguês!..." (Bogéa; Vieira, 1999, p. 22)

Mamãe!  
 Lá vem o compra tudo  
 com sacos nas costas  
 gritando o pregão  
 Vou vender aquelas botas  
 que estão lá no porão.  
 Com o dinheiro vou comprar  
 Banana, farinha e pão;  
 essa vai ser a merenda  
 pra mim e Zeca, meu irmão.  
 Mamãe! (Bogéa; Vieira, 1999, p. 22)

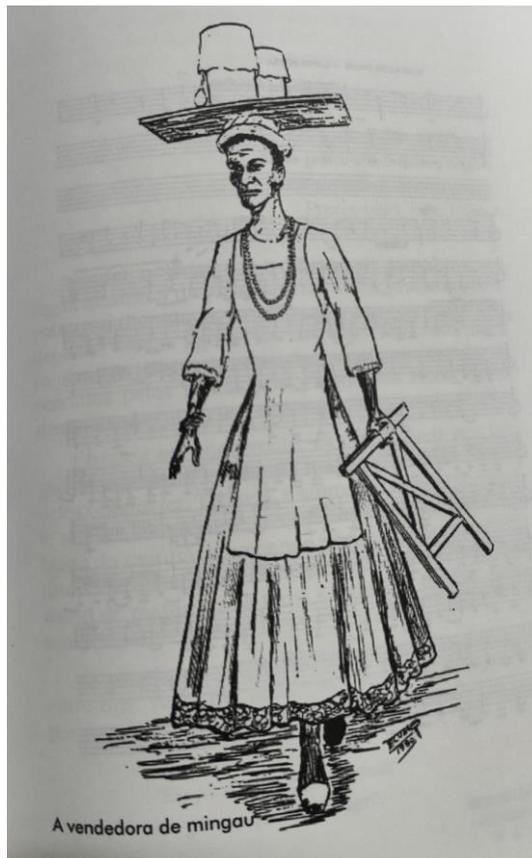
#### 4.1.2 Mingau de milho

"Aê mingau de milho!  
Aê, mingau da hora.  
Vem comer; olha criança!  
Tá quentinho." (Bogéa, Vieira, 1999, p. 37)

O pregão era gritado pelas ruas de São Luís, por dona Raimunda, a única vendedora ambulante de mingau de milho, da época. Alta, e com uma magreza incomum, Raimunda também era chamado por outros apelidos como Mundica para o Céu, Mundica Pelada e até Mundica Pretinha (Bogéa; Vieira, 1999).

Todos os dias, a partir das dez horas da manhã, Mundica para o Céu gritava a plenos pulmões seu pregão e vendia seu produto: "Aê, mingau de milho". (Figura 2).

Figura 2 – A vendedora de mingau



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

Vestindo um avental branco e vermelho, vestido comprido, chinelo com salto alto, chapéu de palha e um colar com contas coloridas no pescoço, a pregoeira equilibrava seu tabuleiro de madeira, onde colocava duas latas contendo o mingau, cobertas com limpas toalhas

brancas. Com uma concha de alumínio ela servia o mingau em vasilhas, que os próprios compradores disponibilizavam na hora da compra.

De acordo com Bogéa e Vieira (1999), Raimunda, que era descendente de pessoas escravizadas, morava no prédio do antigo Palácio dos Holandeses, na antiga rua do Giz, que era esquina com a Rua de Nazareth. Hoje o pregão já não faz parte dos dias da cidade, embora o mingau de milho seja um prato considerado típico e possa ser facilmente encontrado, principalmente no mês de junho, nas festas juninas.

Nos largos de festas religiosas, hoje tão raramente programadas, encontramos também vendedoras de mingau de milho com suas bancas armadas e latas de flandres, oferecendo mingau de milho aos assíduos frequentadores dessas festas populares, tão cheias de encanto. A venda de mingau de milho, cremos, jamais desaparecerá desta São Luís, "cidade sorriso", repleta de encanto e mistério (Bogéa; Vieira, 1999, p.39).

#### MINGAU DE MILHO

##### SAMBA

Uê mingau de milho...  
 Vê mingau da hora,  
 Vem comer, olha, criança!  
 Tá quentinho.  
 Traz a canequinha. (Bis)  
 Vamos embora.  
 Assim gritava  
 Mundica Pretinha  
 Pelas ruas da cidade,  
 Com uma lata na cabeça,  
 Na maior simplicidade:  
 "Olha o mingau de milho...  
 Tá gostoso de verdade."  
 Uê mingau de milho...  
 Uê mingau da hora.  
 Vem comer; olha criança!  
 Tá quentinho.  
 Traz a canequinha.  
 Vamos embora.  
 Uns a chamavam:  
 Mundica Pretinha,  
 Outros, Mundica Pelada  
 A pobre da rapariga  
 Nessa gente não ligava.  
 Gritava mingau de milho.  
 Só vendia a quem pagava.

##### Refrão

Chapéu de palha, rodilha,  
 Chinelo abotinado,  
 Avental branco e vermelho,  
 Um rosário de encantado  
 Pra proteger a venda  
 e livrar do mau olhado.

Olha o mingau gostoso, saboroso.  
 Feito na base do vinho de coco,

Vem comer minha gente  
Que o bicho tá petitoso

Refrão

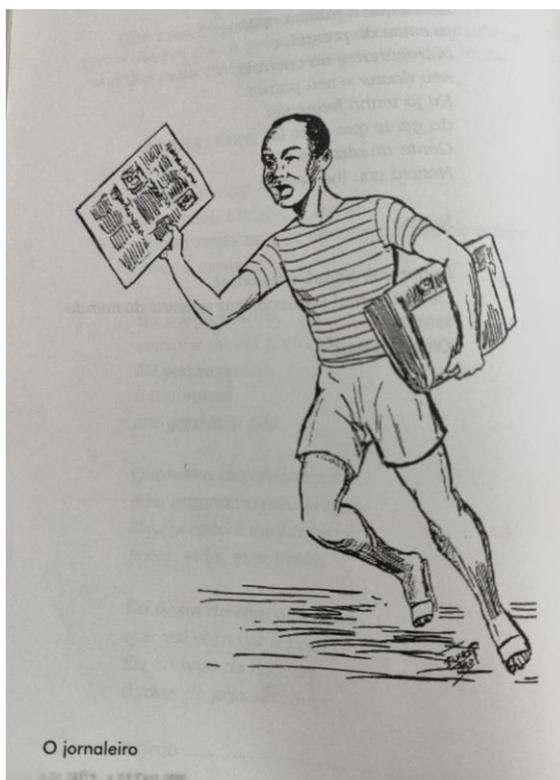
Aê mingau de milho  
Aê mingau da hora  
Vem comer; olha, criança!  
Tá quentinho.  
Traz a canequinha.  
Vamos embora (Bogéa; Vieira, 1999, p. 39- 40).

#### 4.1.3 Jornaleiro

"Quando o dia amanhece  
Saio gritando o meu pregão;  
Meu pregão é minha prece,  
Prece, vida, meu irmão!" (Bogéa, Vieira, 1999, p. 43).

É pertinente abordar o pregoeiro Jornaleiro, porque além de ser um clássico personagem, lembrado por muitos, que percorria a cidade vendo os principais jornais e gritando as notícias. (Figura 3). Esse personagem, e a falta dele hoje, demonstra explicitamente a mudança e avanço tecnológico vividos em nossa sociedade. Atualmente, não só não vemos o jornaleiro gritando seus pregões pelas ruas do centro e periferia da cidade, como já é artigo raro encontrar o próprio jornal impresso para venda em qualquer lugar. O avanço da internet, e a criação de sites de notícias e até mesmo redes sociais, foi aos poucos suplantando a produção do jornal impresso, que passou a noticiar os principais acontecimentos do Maranhão e do mundo prioritariamente pelo meio digital, se adequando à nova realidade das mídias digitais.

Figura 3 – O jornaleiro



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

Contudo, mesmo não existindo mais, cabe aqui ressaltar esse personagem tão conhecido, que segundo Bógea e Vieira (1999), vendia as notícias pelas ruas, diretamente nas residências e meios de transporte. Geralmente vendido por garotos jovens, que acordavam bem cedo para distribuir os jornais nas primeiras horas do dia, com o intuito de ganhar o sustento e ajudar nas despesas de suas casas.

Vender notícias é a profissão do jornaleiro, tão digna quanto a do jornalista ou outra profissão exercida com dignidade. A venda dos jornais, entre nós, depende dessas figuras sociais, pois São Luís conserva o antigo hábito de serem os jornais, em circulação, vendidos pelos jornaleiros, em nossas ruas, diretamente nas residências, nos meios de transportes, etc (Bogéa; Vieira, 1999, p. 43).

O pregão é bastante conhecido, com pequenas variações na maneira de apregoar, de acordo com o jornaleiro em questão.

#### JORNALEIRO

Olha o jornal!...  
Imparcial, Estado, O Jornal,  
Jornal Pequeno, traz notícias do mundo inteiro.  
Olha o jornal!...

Eu sou jornaleiro,  
esta é a minha profissão.  
Eu vendo notícia

o dia inteiro,  
pra ganhar o pão.

Quando o dia amanhece  
saio gritando o meu pregão.  
Meu pregão é minha prece,  
prece, vida, meu irmão.

Eu desperto com o padeiro  
que vai entregar o pão.  
Eu entrego as notícias  
dadas de primeira mão.

Quando o dia amanhece  
saio gritando o meu pregão.  
Meu pregão é minha prece,  
prece, vida, meu irmão.(Refrão)

Antes que a fábrica apite  
já estou de prontidão,  
entregando-o ao operário,  
seu doutor e seu patrão.  
Eu já tenho freguesia  
da gente que sabe ler.  
Gente atualizada...  
Notícia vou lhe vender.

Quando o dia amanhece  
saio gritando o meu pregão.  
Meu pregão é minha prece,  
prece, vida, meu irmão. (Refrão)

Imparcial, Estado, O Jornal,  
Olha o Jornal Pequeno, traz notícias do mundo inteiro  
Olha o jornal!... (Bogéa, Vieira, 1999, p. 44-45)

#### 4.1.4 Arroz-de-cuxá

"Arroz-de-cuxá!...  
Chega, freguês!...  
Tá quentinho!..." (Bogéa, Vieira, 1999, p. 49)

O cuxá é um prato típico maranhense, geralmente servido acompanhado de arroz branco e peixe frito, levando em seu preparo ingredientes, tais como: o camarão seco, vinagreira, gergelim e farinha seca, o prato leva o nome de Arroz-de-cuxá.

Sendo uma iguaria maranhense o prato já é uma tradição, conhecido por todos os moradores locais e servidos aos turistas que visitam o Estado, ele é encontrado em qualquer época do ano, mas ganha destaque no período de festas juninas, sendo vendido nas barraquinhas dos arraiais junto com outros pratos típicos do período de festa.

Contudo, antes de se fazerem presentes nas atuais festas, restaurantes e hotéis da cidade, Bogéa e Vieira (1999) contam a história das pregoeiras vendedoras do prato típico. Utilizando o mesmo pregão, com variações, era possível encontrar em diferentes pontos da cidade as

vendedoras. No Beco do Chaves, Dona Possidônia com sua neta e ajudante Felismina, era uma das mais famosas cozinheiras e vendedoras de arroz-de-cuxá. Utilizando um tabuleiro de madeiras e um caixote, que servia como mesa, a mulher acomodava os pratos, colheres, uma travessa de peixe frito e duas grandes panelas, uma com arroz e outra com o cuxá.

Fazendo concorrência para Dona Possidônia, alocada no Canto da Fabril, estava Nhá Bernarda, também versada na arte de fazer o cuxá. Não eram as únicas, sendo possível encontrar o prato para venda em diversos locais, como nos bairros da Madre Deus, Desterro, Praia Grande. Na rua das Crioulas era onde ficava Dona Perpétua, outra famosa cozinheira e vendedora do arroz-de-cuxá. Nas festas da igreja, realizadas no Largo de Santo Antônio, São Benedito, Rosário, Remédios e Desterro, eram encontrados pontos de vendas.

José Ribeiro de Sá Vale conta em seu livro *Maranhão Antigo e Moderno*, a história que deu origem à famosa canção folclórica do autor Clovis Ramos, cantada no coral da Igreja Presbiteriana Independente, em São Luís.

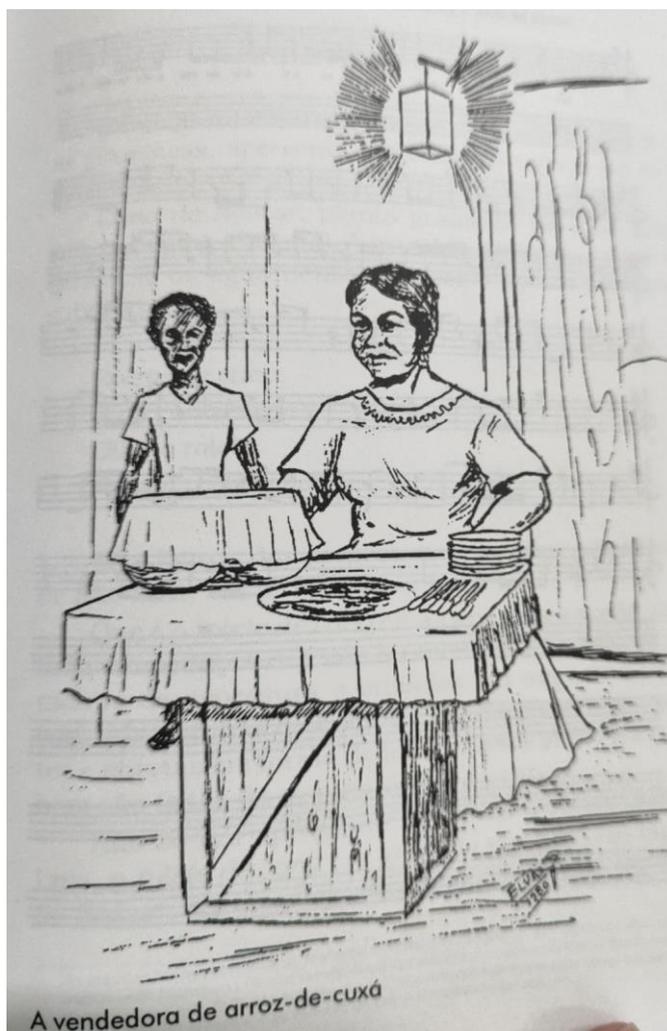
Era Natal. Nhá Bernarda, dona da Banca de arroz-de-cuxá, passará no ferro-de-engomar a sua roupa nova, juntamente com a da netinha (sua apregoadora) e, como toda religiosa, dirigiu-se com a neta para a Missa do Galo, numa das igrejas de São Luís. Meia-noite em ponto, ao som do repicar dos sinos e do tocar dos foguetes, foi iniciada a missa com a igreja superlotada. A garota, netinha da Nhá Bernarda, a princípio ainda ficou com a sua atenção voltada para o altar; todavia, a sua pouca idade justificava o seu desinteresse por aquele ato religioso, levando-a ao cochilo. O sono acumulado das noites mal dormidas também contribuiu para o que se segue. No momento da elevação do Santíssimo, Nhá Bernarda, ao perceber que a garota cochilava, aplicou-lhe um razoável beliscão. Foi a conta. O pregão ecoou na nave da igreja:

Arroz-de-cuxá!... justificando o brocado: o cachimbo põe a boca torta.

É que a pobre criança adormecida, acordou crente de que estava sentada diante da banca de arroz-de-cuxá da Nhá Bernarda (Sá Vale, 1931, p. 39,40).

A história, conhecida por todos, transformou avó e neta em personagens do folclore maranhense. (Figura 4).

Figura 4 – A vendedora de Arroz-de-cuxá



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

#### ARROZ-DE-CUXÁ

Arroz-de-cuxá!...  
 Arroz-de-cuxá!... (Bis)  
 Chega freguês, tâ quentinho!...

Anda negrinha;  
 Grita, coirão.  
 Anda seu diabo  
 Se não, se não...  
 Falava Nhá Possidônia  
 Pra sua neta Filismina,  
 que cochilava ao seu lado  
 no seu sono de menina.  
 Nhá Possidônia falava  
 e aplicava um beliscão.  
 A garota despertava  
 e soltava esse pregão:  
 Arroz-de-cuxá!...  
 Arroz-de-cuxá!...

Chega, freguês, tá quentinho!...

Uma luz vermelha à porta  
Anunciava: aqui tem  
peixe fritinho, na hora,  
arroz-de-cuxá, também,  
Frito no óleo de coco  
Coquinho de babaçu,  
Apurado por Nha-Nhá,  
Vindo de Cururupu.  
Arroz-de-cuxá!...  
Arroz-de-cuxa!... (Bis)  
Chega, freguês, tá quentinho!... (Bogéa; Vieira, 1999, p. 52).

#### 4.1.5 Pirulito

Pirulito!...  
Pirulito!...

Mamãe eu choro,  
Papai eu grito  
Me dê um tostão  
Pra comprar pirulito

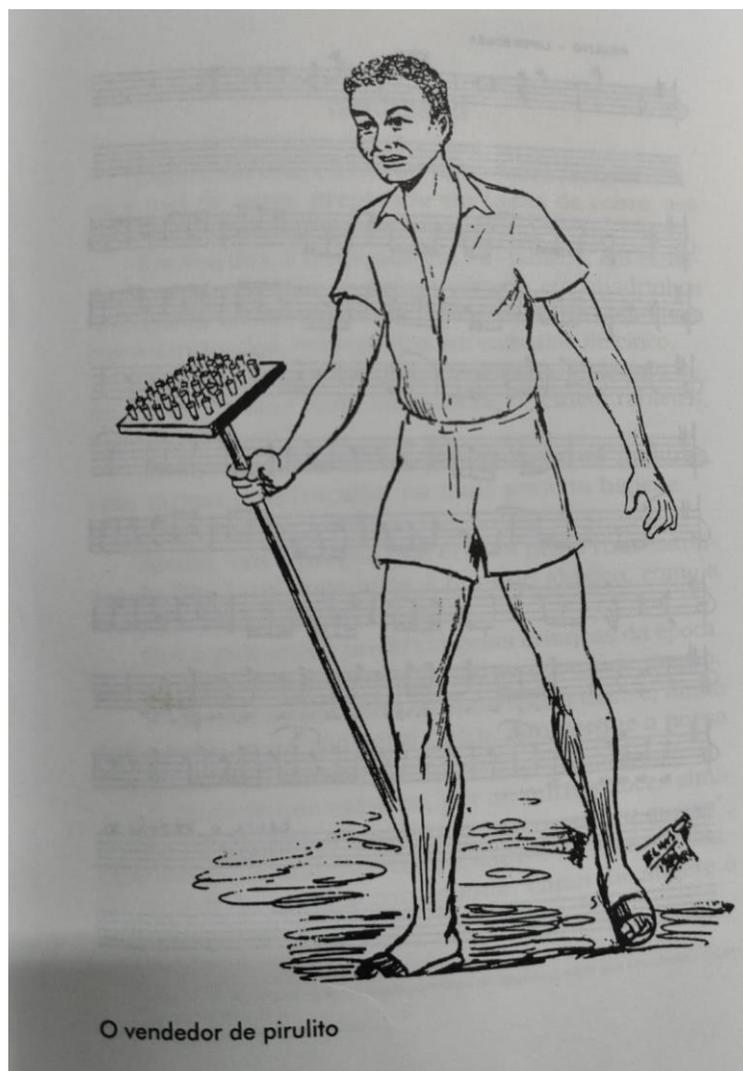
Pirulito têm de coco  
Maracujá, buriti...  
Gente, compra pirulito!  
Faça a criança sorrir...

Mamãe eu choro  
Papai eu grito  
Me dê um tostão  
Pra comprar pirulito

Pirulito!...  
Enrolado no papel  
Enfiado no palito  
Quem faz é Dona Julieta,  
Quem vende é Zé Benedito!  
Pirulito!...  
Pirulito!... (Bogéa, Vieira, 1999, p. 75-76)

Tão conhecido quanto o sorvete, o pirulito já foi figurinha carimbada nas ruas do centro de São Luís. Viana (2020) relata que o doce teve seu ápice entre as décadas de 1970 a 1990, quando o pregão era cantado pelas ruas da cidade e o doce, de fácil preparo, era consumido em larga escala

Figura 5 – O vendedor de Pirulito



Fonte: (Bogéa; Vieira, 1999)

“Em uma táboa retangular, cheia de buraquinhos redondos e uniformes, eram colocados os pirulitos. Do centro da táboa partia um bastão roliço, medindo mais ou menos um metro e trinta centímetros, que era apoiado ao ombro do vendedor”, é o que relata Bógea; Vieira (1999, p.75) a respeito de como eram realizadas as vendas do produto. Bogéa lembra que o piruliteiro mais popular na época de sua infância era um espanhol, do qual ele não recordava o nome, que morava no Cortiço de Rosa Percevejo, na Rua do Norte.

O pirulito atravessou gerações, e uma das principais representantes da venda do doce é Dona Corina. Nascida em Coroatá, Corina Serra da Silva Martins, veio para capital maranhense, após morar na cidade de Rosário (MA) e em Manaus. Corina aprendeu a fazer o pirulito aos 16 anos de idade na Escola do Padre Estrela, ainda em Coroatá, mas a venda só virou um meio de sobrevivência após a morte de seu marido, quando ela tinha 57 anos de idade. Não diferente de

diversos outros pregoeiros, o que impulsionou Dona Corina às vendas foi a necessidade de manter o sustento de sua família, quando se tornou responsável pelas despesas da casa. (Figura 6). Antes da morte do marido, Corina tinha outro padrão de vida, como ela comenta em entrevista ao programa Repórter Maranhão da TV Brasil, realizada em 2017:

Eu vim pra São Luís depois que eu fiquei em Rosário, eu tinha um hotel, tive ônibus, tive lancha. Meu marido trabalhava na estrada de ferro, foi quando ele morreu e começou essa “porção” de ladrão... Eu vendi o hotel, fui pra Manaus, passei dois anos lá. Quando eu voltei comprei esse terreno e fiz minha casinha (EBC, 2017).

Figura 6 – Dona Corina posando com os pirulitos, em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal

Entretanto, além da motivação principal estar baseada na necessidade, Dona Corina não deixou apenas isso definir sua atividade, e se tornou uma das principais referências de pregoeiras de São Luís. Realizando seu trabalho com muito amor e dedicação, tornou-se conhecida por todos que frequentavam as localidades e compravam seu pirulito.

É o que relata Viana (2020, p. 99):

O que começou como uma necessidade de sobrevivência se transformou também em distração e diversão. Foi através da venda dos pirulitos que Dona Corina conheceu

São Luís de ponta a ponta, fez amizades e se transformou em uma figura lendária da história da cidade, o que lhe rendeu até uma rápida participação na novela “Da Cor do Pecado” da rede globo, filmada em São Luís (2004).

De terça a sábado ela vendia o doce nos bairros da Praia Grande (Reviver), João Paulo, Barreto, Caratatiua, Vila Palmeira, Anil e na Santa Cruz, deixando a segunda para descansar.

Eu vendo e pra mim é uma diversão. É muito bom porque eu ando, arranjo amigos. Uns criticam, outros me elogiam, eu não tô me importando que eles falem. Uns falam que um pirulito por um real é roubo. Tô nem aí. Eu ando.. ele não quer, outro quer, outro compra três, outro compra quatro e assim eu vou (EBC, 2017).

“Olha o pirulito  
Enrolado no papel  
e enfiado no Palito.  
Quem come fica bonito...”

O pregão simples era utilizado para vender o pirulito. Fácil de fazer, o pirulito é uma mistura de água, açúcar e o sabor escolhido, os mais vendidos de maracujá ou gengibre, preparado em fogo baixo. O conteúdo é despejado no papel manteiga, que já está enrolado no formato de pirulito, eram colocados na tábua para o transporte e vendidos pelo preço de R\$ 1,00. A tábua comportava 140 pirulitos por vez.

Hoje, com 97 anos, ela não vende mais os famosos pirulitos, devido um acidente onde perdeu parte da visão, mas é lembrada como uma das principais pregoeiras de São Luís pelas pessoas que costumavam comprar o produto na sua mão, e vê-la pelas ruas da cidade gritando seu pregão, como fez por mais de 40 anos.

Embora não tenha conseguido uma entrevista completa com Dona Corina, contactei sua filha, conhecida por Nena, que enviou por aplicativo de mensagem o famoso pregão do pirulito cantado pela própria Corina, que mantém a voz forte e a letra na ponta da língua. Nena relatou como se sente abençoada pela vida longa de Dona Corina e que hoje ela própria que faz os pirulitos no lugar da mãe, continuando assim a tradição. O doce pode ser adquirido por encomenda, ou na mão de uma das netas de Dona Corina, que vende todo domingo na Feirinha São Luís, evento produzido pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento (Semapa). (Feirinha [...], c2023). (Figura 7).

Figura 7 – Dona Corina, em registro recente de 2024.



Fonte: Arquivo pessoal.

A pregoeira, acompanhada de outro tradicional pregoeiro, o sorveteiro Antônio José Coelho, conhecido como Bem-te-vi, ganharam, no ano de 2022, cada um uma estátua na praça Nauro Machado, no Centro de São Luís. (Figura 8).

Figura 8 – Dona Corinha e o Sorveteiro Bem-te-vi.



Fonte: Bacellar (2023).

A homenagem foi realizada pela Prefeitura de São Luís, em parceria com o Instituto Municipal da Paisagem Urbana (Impur), a Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (Fumph), além do patrocínio da Alumar e o apoio da Fundação Nagib Haicke.

Criado pelo artista Eduardo Sereno, as obras produzidas em tamanho real, tem como objetivo homenagear os pregoeiros da cidade, reconhecer sua importância cultural e que fazem parte da história da cidade. Hoje as estátuas se tornaram um ponto turístico, onde moradores locais e turistas que visitam a cidade podem tirar fotos e apreciar as obras (Bacellar, 2023).

A maioria dos pregoeiros supracitados não são mais encontrados pelas ruas de São Luís. Uns foram substituídos pelas lojas de departamento, com suas caixas de som anunciando os

produtos, outros pela falta de uso do próprio produto vendido, como foi o caso do carvoeiro. Antes muito conhecido andava pelas ruas vendendo carvão, muito utilizado naquela época teve seu uso caseiro majoritariamente substituído pelo gás. A modernidade trouxe outras mudanças que transformaram as vendas de rua. O que antes era cantado a capela, começou a ter o auxílio do alto-falante ou microfone. O meio de transporte foi evoluindo e as vendas que antes eram feitas a pé, passaram a contar com o auxílio da bicicleta, e posteriormente da motocicleta ou carro.

Viana (2020) também destaca o próprio ambiente da cidade, que antes do crescimento demográfico possuía casas de um piso, no máximo dois, um pequeno fluxo de automóveis, comércio mais escasso e silencioso, um menor número de televisores nas casas e o silêncio que englobava o ambiente por não haver ainda máquinas, sirenes, buzinas, alto-falantes, e outros elementos que hoje compõe o cenário de qualquer metrópole. Esse ambiente tornava propício a existência e permanência dos pregoeiros. Os seus pregões eram ouvidos ao longe.

A falta de um comércio mais ativo e diverso fazia com que os pregoeiros não tivessem tanta concorrência ao passar oferecendo seus produtos de porta em porta. A estrutura da cidade também foi um elemento que mudou ao longo dos anos, afetando os vendedores. A cidade que antes era em sua maioria formada por casas e sobrados, passou a ter no seu cenário tradicional vários prédios e condomínios, o que dificultou o acesso do pregoeiro ao seu cliente. Todos esses fatores contribuíram para a diminuição desses vendedores nas ruas. Como aponta Viana (2020, p. 95):

(...) logo ele seria ofuscado pelo crescimento da indústria e do comércio de produtos importados de baixo custo, pelas feiras livres que expõem diariamente uma infinidade de produtos alimentícios e de uso doméstico e pelos outros sons que vierem com a modernidade, barulho excessivo típico de meios urbanos modernos que sufocam as vozes de cada um e nos faz perceber apenas um grande zumbido, mistura de vários sons ao mesmo tempo produzidos.

O maior entendimento sobre questões sanitárias e preocupação com a saúde também foi um fator preponderante para a diminuição de pregoeiros que vendiam produtos frescos para consumo imediato, como camarão, juçara, mingau de milho e pamonha. Devido a venda que durava o dia todo, sem condições adequadas de armazenamento para uma boa conservação, os alimentos foram considerados um risco de contaminação alimentar, por sua exposição prolongada ao calor do sol, e outras intempéries como manuseio, poeira, chuva e qualquer situação que tanto produto quanto vendedor estavam expostos pela venda nas ruas.

Desde a época em que foi escrito, na década de 1980, o livro “Pregões de São Luís” já registrava pregoeiros que não eram mais facilmente encontrados nas ruas e outros que ainda faziam parte do cenário ludovicense, e que hoje não fazem mais. As mudanças da cidade

deixaram apenas na memória dos mais antigos os tradicionais pregões de outrora. Os mais jovens, nascidos depois da década de 1990, não terão as mesmas referências desses pregoeiros e da antiga São Luís, exceto pelos registros históricos e lembranças contadas pelos seus pais e avós. Ainda assim, os pregoeiros persistem, embora seja correto afirmar que mudanças e adaptações ocorreram no decorrer do tempo.

Ao mesmo tempo em que não se vê mais a tradicionalidade das músicas e rimas criadas por eles, o produto feito artesanalmente e até mesmo o meio de transporte utilizado nas vendas, ainda é possível encontrar pregoeiros que mantêm o canto na ponta da língua como principal instrumento para venderem seus produtos. Os bairros da Praia Grande, Desterro e Centro, mesma região em que surgiram no século XIX, continuam sendo o epicentro desses vendedores. Hoje, no centro histórico da cidade, é possível encontrar pregoeiros que trabalham há mais de trinta anos no local. Gritam seus pregões, possuem clientes fiéis e são conhecidos pelos populares que trabalham e frequentam diariamente as redondezas. Também são encontrados pelo restante da cidade, ainda que menor número, dando continuidade a um ofício que se transformou parte da cultura local.

## 5 PREGOEIROS

### 5.1 Uma questão social

Vistos como figuras emblemáticas e que carregam consigo a história viva de um tempo que não volta mais, não raramente, os pregoeiros são lembrados e associados às boas memórias daqueles que consumiam seus produtos. Contudo, sua presença também reflete uma questão social. Desde o seu surgimento até sua diminuição em larga escala, ao longo dos séculos, o pregoeiro teve como principal propósito a subsistência.

A própria origem da ocupação é o retrato de pessoas menos favorecidas e injustiçadas socialmente. O pregoeiro nasceu da necessidade do ex-escravo de ganhar de se sustentar após o fim da escravatura. Não tendo lugar na sociedade, depois de receber a alforria, muitos foram incapacitados de realizar outras atividades ou por falta de habilidades ou de aceitação por parte dos que antes eram seus senhores e agora seriam seus empregadores. Buscaram então o sustento de diversas formas, incluindo a venda de produtos nas ruas, nascendo assim o ofício de pregoeiro. Séculos depois, estes permaneceram se adaptando às mudanças sociais e às realidades que lhe são apresentadas.

Se naquela época, o papel do pregoeiro na sociedade não era discutido, hoje é notório que os vendedores ambulantes, classe na qual se encaixa o pregoeiro, possuem um considerável papel econômico e constituem uma problemática social. A atividade além de suprir as necessidades mínimas para a sobrevivência de indivíduos pertencentes à classe social baixa e que em geral possuem baixo ou nenhum nível de escolaridade, também se constitui em parte importante do comércio local das cidades, pois oferecem, de forma informal, serviços e bens que são mais acessíveis à população. Levantando implicações e criando impacto na economia dos locais onde estão inseridos (Silva; Silva, 2005).

O vendedor ambulante é produto de um crescimento desordenado de cidades que foram sendo formadas de acordo com o desenvolvimento industrial, fato que conseqüentemente causou um aumento demográfico da população nos grandes centros urbanos. Dentro dessa configuração, as pessoas que não possuíam nenhum grau de instrução ou tinha uma baixa escolaridade, não estando aptas para outros serviços, buscaram na informalidade um meio de sobreviver.

Hoje no Brasil a quantidade de trabalhadores informais é maior que a de formais. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizada para o primeiro trimestre do ano de 2024 pelo IBGE, analisou a taxa de informalidade por estado, sexo, cor e faixas de renda. A conclusão foi que existe um maior número de homens que trabalham na informalidade, com 40,3% em comparação à 37,0% de mulheres. Pessoas pardas

apresentam maior taxa de informalidade, com 43,5%, seguido por pretas e brancas, com 41,0% e 33,6%, respectivamente. Quando considerado o nível de instrução, pessoas sem nível de instrução têm 70,9% de taxa de informalidade, enquanto indivíduos com ensino superior completo constituem 19,1% de informalidade.

Percebe-se que o nível de educação está diretamente relacionado às oportunidades de trabalho de um cidadão. Quanto mais instruído maior são as chances de conseguir um bom emprego formal. O Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgaram o resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2023. De acordo com o indicador, o Maranhão alcançou 5,4 pontos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Apesar de apresentar um avanço de 0,2 pontos a mais que a meta estabelecida no primeiro ciclo do Ideb (2007-2021) para o Estado, o Maranhão ficou abaixo da meta projetada nas duas etapas de ensino, registrando 4,5 pontos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 3,8 pontos no ensino médio, (Brasil, 2024).

Mesmo a passos lentos, o Maranhão apresenta algumas melhoras nos índices no que se refere ao analfabetismo e geração de empregos formais.

O Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo IBGE, demonstrou que no ano de 2010 a taxa de analfabetismo de indivíduos de 15 anos ou mais, no Estado, chegou até 20,8%. Enquanto em 2022, esse percentual diminuiu para 15,5%, sendo a menor taxa dos últimos 12 anos. Em relação a taxa de alfabetização para a faixa etária, também houve um avanço, chegando ao percentual de 84,95%. No país, o Censo 2022 mostra que dentre as 163 milhões de pessoas com 15 anos ou mais, 151,5 milhões foram capazes de ler um bilhete simples e 11,4 milhões não. Para essa faixa etária, a taxa de alfabetização foi de 93,0% e a de analfabetismo foi de 7,0%. Ocorrendo um aumento na taxa de alfabetização em comparação ao Censo de 2010, onde as taxas de alfabetização e analfabetismo foram de 90,4% e 9,6%, respectivamente.

Mesmo assim as desigualdades são latentes. As taxas de analfabetismo de pretos e pardos são mais que o dobro em comparação com as de brancos, e a de indígenas é ainda quatro vezes maior. Embora entre os Censos de 2010 e 2022, a diferença entre brancos e pretos tenha caído de 8,5 para 5,8 p.p. (Maranhão, 2024a).

Quando se refere a taxas de empregos formais também se percebe a relação direta entre escolaridade e empregabilidade. No Maranhão, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o estado alcançou em maio de 2024 um saldo positivo de 2.416 novos postos formais de trabalho, registrando assim o terceiro mês seguido com resultados positivos na

geração de empregos. E dentre essas novas vagas, a maioria fora ocupada por pessoas com ensino médio completo, (Maranhão, 2024b).

Os dados demonstram que mesmo havendo avanços tanto no que se refere à educação quanto às taxas de empregabilidade, estes ainda não são suficientes para resolver o problema do trabalho informal. A educação não chega a todos que precisam e as escolas públicas nem sempre conseguem cumprir seu papel de educar e formar indivíduos preparados para o exercício da cidadania, para a possibilidade de ingressar em outros níveis de estudos e para o ingresso no mercado de trabalho. A consequência é o grande número de cidadãos buscando meios de sobreviver e sustentar suas famílias, na informalidade (Viana,2020).

Embora haja políticas públicas fomentadas e realizadas pelos governos, Federal e Estadual, os vendedores ambulantes em geral não são contemplados por tais. Sendo invisibilizados e excluídos dos direitos constitucionais que as leis trabalhistas concedem aos trabalhadores formais com carteira assinada.

Serão destacados aqui, alguns dos pregoeiros que ainda existem na cidade de São Luís, com o objetivo de trazer uma perspectiva ao ofício na atualidade. Buscando compreender as mudanças ocorridas ao longo do tempo e como estes se inserem na sociedade atual.

## **5.2 O pregoeiro hoje**

Adaptado às mudanças que o tempo trouxe o ofício de apregoar se manteve, sendo possível, porém, perceber determinadas mudanças. Para um maior entendimento sobre a realidade do personagem hoje, foram realizados encontros e entrevistas com quatro pregoeiros para observar o trabalho realizado por eles e saber um pouco de suas histórias. Os encontros aconteceram entre os meses de março a agosto de 2024, no bairro da Praia Grande, comumente conhecido como Reviver, e no conjunto Parque Guanabara, localizado nas proximidades do bairro da Cohab, em São Luís- Maranhão.

Além da observação feita in loco na cidade de São Luís, também foi realizada uma entrevista, no formato online, com um pregoeiro do município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. O objetivo foi demonstrar que o ofício não está limitado geograficamente, sendo possível encontrá-lo em outros territórios brasileiro, além de observar as características em comum que os definem como pregoeiros, mesmo quando provenientes de Estados diferentes.

Dentre as mudanças em relação ao ofício, pode-se começar pelos produtos vendidos. Os pregoeiros de outrora costumavam vender produtos artesanais, para consumo rápido e naturais. As frutas e verduras, a juçara, o caranguejo e o camarão. São exemplos de produtos que eram vendidos frescos e tinham um tempo de conservação menor devido a falta de um

condicionamento adequado. Os sorvetes eram feitos de forma artesanal, e as porções de mingau de milho, pamonha e arroz-de-cuxá eram feitas diariamente para serem vendidas sem deixar sobras para o dia seguinte.

Hoje é incomum ver determinados alimentos e produtos sendo vendidos nas ruas, e quando vendidos é possível perceber a presença da industrialização no processo, como é o caso do sorvete. O alimento tão querido por crianças e adultos ainda pode ser encontrado sendo vendido pelo reviver e bairros da cidade, mas no geral o sorvete provém de fábricas que o produzem em grande quantidade e repassam aos vendedores para realizar a venda. O próprio pregão teve suas mudanças e adaptações. As músicas e rimas são diferentes, em geral mais simples, sem muitas variações na letra. O pregão no geral é curto, com apenas uma frase ou uma palavra.

Entretanto, muitos aspectos continuam semelhantes, o que torna possível classificar esses vendedores ambulantes como pregoeiros. Primeiramente é possível perceber a presença do ato de apregoar, andar pelas ruas gritando as frases feitas, na sua maioria ritmadas, com o intuito de vender o produto. A comunicação simples, as rimas que carregam consigo contextos locais e a forma de abordar ajudam aos possíveis clientes a se relacionarem com os vendedores, contribuindo assim nas vendas. No geral, os pregoeiros atuais também fazem sempre a mesma rota e no mesmo horário, o que dá regularidade à venda e traz reconhecimento àqueles que também perpassam o local diariamente, contribuindo para a formação de uma clientela fiel.

Os pregoeiros precisaram se adaptar também às mudanças da cidade ao longo do tempo, adotando determinadas estratégias como, por exemplo, a mudança das vendas para áreas de maior fluxo de pessoas, a diversificação de produtos para atender às variadas demandas dos consumidores urbanos. Além disso, o uso de tecnologias foi outro fator importante, hoje alguns pregoeiros adotaram tecnologias modernas em suas vendas, como as máquinas de cartão de crédito e débito, e o pix, para facilitar as transações e atrair mais clientes. O ajuste de horários também foi uma estratégia adotada para maximizar as vendas, os pregoeiros ajustaram seus horários de trabalho para coincidir com os períodos de maior movimento nas cidades, como horários de pico e eventos especiais.

A prática também ainda pode ser considerada um ofício tradicional, pois transmite cultura através da oralidade e é um ofício repassado de geração em geração. É o caso de Essias de Almeida Barros, sorveteiro há 30 anos, ele realiza o ofício que também é do seu irmão e já foi do seu pai e avô. “Esse sorvete, a gente vende é de família. Vem pulando de geração para geração. Meu avô vendeu, meu pai vendeu. Meu irmão, eu tenho certeza de que faz uns 45 anos

que ele vende, mas em Alcântara. Eu nem sonhava de vir pra cá pra São Luís, ele já vendia”, relata.

Assim como nos tempos antigos, os pregoeiros entrevistados apesar de amarem a profissão, enveredaram por esse caminho como forma de subsistência na falta de outra oportunidade. Foi o caso do boleiro Francisco de Assis, que já não trabalha mais por questões de saúde, mas passou quase 20 anos vendendo bolo nas ruas de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Francisco contou como buscou a venda de bolos como forma de sobrevivência, quando perdeu o emprego.

Tudo começou quando eu fiquei desempregado, fiquei sem saber o que fazer. Fui tentar vender algumas coisas de camelô, aí meu irmão me chamou pra ir vender pão e bolo com ele. Eu fui, fiquei prestando atenção. Então eu pedi a receita do bolo à esposa de um amigo e comecei a fazer e vender o bolo (Francisco de Assis).

Seu relato também mostra como o boleiro virou um pregoeiro, em vez de um simples vendedor ambulante. Assis explicou como inicialmente tentou vender os bolos, sem sucesso, e que as vendas aumentaram depois que inventou um pregão e passou a apregoar pelas ruas enquanto oferecia o produto. Demonstrando o poder do pregão como forma de comunicação popular ao se relacionar com seus possíveis clientes.

Saía pra rua sem saber como vender, oferecendo aos outros, batendo de porta em porta, oferecendo. Vendia pouco, quase nada. Eu ia muito na casa de umas amigas que me davam força. Aí eu vi um sininho em cima da mesa. Eu peguei esse sininho e pedi emprestado a ela. Fui no meio da rua, balancei o sino e cantei ‘É o bolo, o bolo, o booolo!’, veio na cabeça. Aí, eu pedi para ela o sino. E aos poucos eu fui fazendo uma música, eu ia fazendo uns sabores, e fui cantando. Mas o gostoso do bolo... eu não ganhei nada, não fiquei rico até hoje, que eu fui obrigado parar em 2008, que enfartei, que fiquei doente. Mas o gostoso é que eu saía para a rua e parecia que eu não era vendedor, porque eu era muito querido em todas as comunidades que eu ia, em todo lugar que eu ia. Eu dava sempre o último bolo para uma criança, não vendia. Infelizmente a doença fez eu parar (Francisco de Assis).

Francisco é o retrato do pregoeiro e a ligação existente com sua freguesia. Seu pregão não só aumentou as vendas dos bolos como fez com que este se aproximasse daqueles que compravam a mercadoria, se tornando conhecido por onde passava por meio do seu canto e do seu produto. Mesmo sem vender mais, é lembrado até hoje.

Apesar de ser um trabalho que em geral passa de geração em geração, de toda cultura que carrega e até dos elos que constroem com seus clientes, a força motriz para a labuta do pregoeiro é a necessidade. Muitas vezes sem outra oportunidade, estes encontram na venda a oportunidade que lhes faltava no comércio formal. Mesmo cercado de um valor histórico, o ofício não é fácil. As condições de trabalho são árduas, o pregoeiro precisa andar várias horas debaixo do sol ou da chuva, muitas vezes carregando o peso dos produtos nas costas, isso exige

física e mentalmente desses profissionais, que mesmo assim cumprem sua jornada diariamente. Como é o caso de José Neres Cruz Santos, conhecido pelos clientes por Neres, vende o cuscuz Ideal há 30 anos e é a imagem do pregoeiro que precisou se tornar ambulante e há trinta anos leva seu produto aos clientes.

Primeiro eu trabalhava na rodoviária, no governo Cafeteira<sup>1</sup>, aí eu saí de lá e fui trabalhar de vendedor de peixe na rua. Depois eu fui pra Mendes Júnior<sup>2</sup>, quando acabou o serviço, eu resolvi vir pro cuscuz(...). Eu saio todo dia às quatro horas da manhã. Trabalho das seis horas até umas nove e meia, dez horas, pela manhã. À tarde eu começo uma hora, e vou até umas cinco e meia, seis horas. Porque eu só posso sair depois que eu terminar de vender tudinho. (Seu Neres).

A falta de direitos trabalhistas e a ausência de uma rede eficaz de proteção social fazem com que muitos vendedores ambulantes, mesmo com mais de 30 anos de trabalho, ainda dependam dessa função para sobreviver. O avanço da idade, somado à precariedade de seu ambiente, torna o trabalho ainda mais árduo, mas, para muitos, essa é a única alternativa.

Com a maior acessibilidade à internet e lojas online e a popularização de grandes lojas de varejo, mercados e shoppings como espaços de compras, a figura do pregoeiro diminuiu e a probabilidade é que tenda a desaparecer com o tempo, suplantada pela modernização dos hábitos de consumo. No entanto, a realidade social é diferente para muitos, especialmente nas periferias, onde estes ainda desempenham um papel econômico relevante. Vendendo produtos a preços acessíveis, eles se tornam uma opção para a população de baixa renda. As dificuldades financeiras são uma constante, já que o lucro é pequeno e muitas vezes mal cobre suas necessidades diárias. A falta de direitos e benefícios trabalhistas torna mais grave essa situação, expondo a vulnerabilidade desses trabalhadores.

Mesmo com os avanços que a modernidade traz, há quem sinta falta dos antigos pregoeiros, dos produtos vendidos por eles e da época em que estes andavam, em grande quantidade, pelas ruas, vendendo uma diversidade de produtos, que hoje despertam saudades pela sua falta. É o caso de Carlos Soares, que trabalha na área do Centro Histórico há 34 anos e, quando perguntado sobre os vendedores, relembra também a sua mocidade. De quando ainda estudava e os pregoeiros eram uma presença constante nas ruas, descrevendo uma antiga São Luís pelos olhos de um estudante.

No tempo que eu estudava, não tinha internet, não tinha Facebook, não tinha Google. Ou a gente estudava lá na biblioteca pública, ou a gente estudava no pensionato que eu morava aqui, no Mirante. Mas quando dava 11 horas da noite eles ligavam a luz geral. Aí se a gente quisesse ficar estudando até duas horas, três horas da manhã, comprava aquelas velas grandes de casa. Porque não tinha nada disso. A hora dessa a

---

1 Epitácio Cafeteira, governador do Maranhão

2 Empresa brasileira que atua no mercado de construção.

gente ficava na banca esperando chegar o Jornal do Brasil, a Folha de São Paulo para a gente se atualizar”, conta saudoso (Carlos Soares).

Carlos relata que embora ainda veja pregoeiros, é em menor número que anos atrás, e justifica a diminuição como sendo uma consequência da modernidade. Ele cita que ainda vê sorveteiros e o vendedor de quebra-queixo, mas destaca como antes o cenário era diferente.

Hoje não tem mais muito pregoeiro. Antigamente a cidade de São Luís tinha o Ideal, cedinho da manhã passava, ‘Ideal, ideal!’. Eu gostava muito, só que o Ideal hoje é desse tamanhinho, e dois e cinquenta, aí não compensa. Aquele pirulito da Dona Corina, não vejo mais. Não tem mais. E o pirulito dela é bom. O geladinho que tinha aqui na praia grande. A pessoa tomava muito geladinho, não tem mais, acabou. Eu gostava muito do pirulito e muito do geladinho. Acabou tudo. É a modernidade chegando”, relata (Carlos Soares).

### 5.3 Dando rosto ao pregão

Além do pregão, uma característica em comum une esses vendedores: o não reconhecimento ou a não individualização de cada sujeito. No geral, os pregoeiros são conhecidos, e nomeados, pelos produtos que vendem, como o sorveteiro, o boleiro e o moço do quebra-queixo. Quando não, apenas pelo primeiro nome ou por algum outro apelido adotado. Percebe-se uma dicotomia entre a familiaridade que se cria com esses cidadãos, que estão sempre ali nos mesmos dias e horários, e o pouco conhecimento a respeito destes. Seus nomes de batismo, suas histórias, os motivos de como foram parar ali. Mas cada um tem nome, sobrenome, famílias e história para contar.

#### 5.3.1 Cuscuz Ideal

Ideal, ideal, ideal!  
Olha o ideal!  
Ideal, ideal, ideal!

É difícil achar algum morador de São Luís que nunca tenha ouvido a famosa frase, gritada nas primeiras horas das manhãs de sábados e dias da semana. O cuscuz ideal é amplamente conhecido, e vendido nos bairros da cidade. O acompanhamento perfeito para o desjejum da manhã ou cafezinho da tarde, o cuscuz é quase um patrimônio nordestino. E o cuscuz ideal, um patrimônio ludovicense.

Com sua fábrica sediada no bairro do Anil, o famoso cuscuz é vendido nas ruas pelos pregoeiros, que levam o famoso pregão na ponta da língua e a iguaria para a mesa dos fregueses.

Com mais de cinquenta anos de existência, o ideal é produzido à base de arroz ou milho.

Após ficar de molho por várias horas, os grãos são triturados, peneirados e salgados, para serem cozidos no vapor. Após o cozimento, são banhados no leite de coco e finalizados

com uma camada de coco ralado. A fábrica foi fundada em São Luís por Antônio da Silva, e tinha sua sede no bairro do João Paulo (Viana, 2020). (Figura 9).

Figura 9 – O cuscuz Ideal



Fonte: Bruna Castro

Seu Antônio abriu a fábrica aqui depois de passar pelos estados do Ceará e do Piauí, a intenção era ir para o Pará, mas se casou e criou raízes na Ilha. A fábrica foi inaugurada na capital no dia primeiro de abril do ano de 1967 e permanece até hoje. No local é produzido o cuscuz, que será vendido aos pregoeiros, que vão às ruas vender à população. (Cuscuz [...], 2015)

Sendo um produto com poucos ingredientes, preço acessível e gostoso, o Ideal fez e faz sucesso até hoje. Sendo comumente encontrado nas mesas da população.

O cuscuz Ideal se faz presente em de São Luís há mais de meio século, e José Neres Cruz Santos faz parte dessa história há pelo menos 30 anos. Conhecido apenas por Seu Neres,

o pregoeiro traz consigo o grito marcante de "Ideal! Ideal! Ideal! Olha o ideal! Ideal! Ideal!" que ecoa pelas ruas, anunciando a sua chegada. Ele percorre diversos bairros de São Luís vendendo o famoso cuscuz. (Figura 10).

Figura 10 – Seu Neres, vendedor do cuscuz Ideal há mais de trinta anos



Fonte: Bruna Castro

Embora não lembre a idade exata, Seu Neres relata que começou a vender o produto em uma quarta-feira, por volta dos 28 ou 30 anos de idade. Hoje ele tem 66. Antes de se tornar pregoeiro, ele lembra que trabalhou na rodoviária durante o governo de Epiácio Cafeteira. Após esse período, começou a vender peixe nas ruas, de bicicleta, onde passou dois meses antes de desistir, por não se adaptar à lida com o alimento. Porém, na ocasião ele já apregoava para vender o produto, gritando o pregão "Olha o peixe, olha o peixe, peixe, peixe!", por onde passava.

Foi ao buscar outra ocupação, que um conhecido lhe indicou a venda do cuscuz, porém de outra fábrica, na qual ele trabalhou por um tempo. Todavia, conversando com um cliente, este recomendou que ele começasse a vender o cuscuz Ideal, afirmando a melhor qualidade e sua preferência pelo produto. Seu Neres aceitou o conselho e mudou de fornecedor. Com sua bicicleta, apelidada carinhosamente de ‘Magricela’, ele vende o Ideal até hoje passando pelos bairros do Maiobão, Cidade Operária, Jardim Tropical, Jardim São Cristóvão, Parque Shalom, Cohajap, Cohatrac, Parque Guanabara entre outros. Cada bairro em dias alternados da semana. (Figura 11).

Figura 11 – Seu Neres e sua bicicleta, carinhosamente apelidada de “Magricela”



Fonte: Bruna Castro

A rotina de trabalho começa bem cedo. Às quatro horas da manhã, ele já está de pé e sai de casa, independentemente do clima. Trabalha das seis até as dez da manhã. Depois, retorna à tarde, começando às 13 horas e indo até as 18 horas, ou até vender todo o estoque diário.

Em média, Seu Neres vende entre 250 e 300 unidades de cuscuz por dia. No entanto, nas quartas-feiras, ele compra 350 unidades, pois doa o valor das vendas das 100 unidades a mais ao Instituto Antônio Brunno<sup>3</sup>, uma prática que já realiza há cerca de 15 ou 20 anos. Neres explica que nos sábados, diminui o ritmo de trabalho, vendendo somente pela manhã, pois já não tem mais o mesmo ritmo que possuía na juventude, “já tô velho, não posso tá gritando muito”, diz o pregoeiro. Seu Neres não tem filhos, é divorciado e atualmente mora sozinho. (Figura 12).

Figura 12 – Seu Neres



Fonte: Bruna Castro

---

3 Casa de apoio à Pessoas com Câncer.

Graças ao bom relacionamento que construiu ao longo dos anos, o pregoeiro tem uma vasta clientela. Ele relata que tem clientes há mais de 20 anos, e que mesmo quando ocorre de clientes, às vezes, se mudarem, seus filhos e parentes continuam a comprar o cuscuz com ele.

Seu Neres é um dos exemplos que mantém viva a tradição do pregoeiro nas ruas de São Luís. Realiza o ofício com amor e afinco, apregoa faça chuva ou faça sol e carrega consigo a tradição da antiga São Luís, em que os pregoeiros conheciam seus clientes pelo nome, tinham a preferência na venda de seus produtos, e vendiam passando de geração a geração de uma mesma família. Seu cartão de visita é um sorriso no rosto, e o pregão que não cala: Ideal! Ideal! Olha o Ideal!

### 5.3.2 O sorveteiro

Iai minha princesa  
 Não é bom tomar um sorvetinho?  
 Na casquinha de beiju,  
 é uma delícia  
 Tem sabor de coco, bacuri, tapioca  
 Só se encontra aqui no estado do Maranhão  
 Dele Só na ilha  
 Uma delícia

Iai meu barão  
 Não é bom tomar um sorvetinho?  
 Na casquinha de beiju,  
 é uma delícia  
 Tem sabor de coco, bacuri e tapioca  
 Uma delícia (Essias Almeida Soares).

O pregão acima pode ser escutado todos os dias na Avenida Dom Pedro II, localizada no Centro Histórico de São Luís. Das 8:20 da manhã até as 18 horas, é possível encontrar o sorveteiro, Essias Almeida Barros, recitando a rima enquanto oferece os sabores de sorvete do dia. Oriundo do município de São João Batista, no Maranhão, Essias veio para São Luís com 20 anos de idade. Hoje aos 50, conta que há trinta vende sorvete.

O ofício já fazia parte da realidade de sua família. Seu irmão, Josevan Almeida Barros, vende o produto há mais de quarenta e cinco anos na cidade de Alcântara, e foi o responsável por introduzir Essias ao trabalho. Antes dele, seu avô, seu pai e seu tio também foram pregoeiros, vendendo sorvete. O ofício foi passado de geração em geração, até chegar em Essias. “Quando eu cheguei na cidade, você sabe que a pessoa que vem do interior não pode ficar parada na cidade. Ele me apresentou o sorvete, vendeu. Gostei. Tô até hoje”. (Figura 13).

Figura 13 – Seu Essias, o sorveteiro



Fonte: Bruna Castro

Morador do bairro do Anjo da Guarda, Essias é casado, tem cinco filhos e sustenta sua família apenas com a venda dos sorvetes que, de acordo com ele, é suficiente. Quando pergunto se ele nunca pensou em seguir outra profissão ele responde de pronto “Por enquanto não”.

O sorveteiro explica que possui cerca de cinquenta clientes fiéis. Pessoas que trabalham nos arredores da praça, o conhecem e costumam consumir o produto. Ele explica que as vendas aumentam nos meses mais quentes do ano e nos períodos de festas, principalmente nos meses de junho e julho, quando ocorrem as festas juninas e em novembro e dezembro, nas festas de fim de ano, onde há programações especiais de Natal.

Figura 14 – Essias vendendo o tradicional sovete de coco, no Reviver



Fonte: Bruna Castro

O sorvete é produzido em uma fábrica e vendido por quilo. Todos os dias ele coleta a quantidade que acha pertinente, levando em consideração a época do ano e intensidade das vendas. O pregoeiro relata que no início não sabia como vender o produto, mas foi incentivado pela dona da fábrica do sorvete a não desistir. “Eu chegava na praça e vendia pouco, não tinha conhecimento assim. Aí ela falava, ‘Não desiste, um dia você vai gostar’. E foi verdade mesmo, parece que ela estava falando pela boca dos anjos”, relembra.

A atividade de Seu Essias demonstra uma mescla de tradição com modernidade. Ao mesmo tempo que ele apregoa, mantém sua clientela fiel, é conhecido por quem frequenta regularmente o local e vende um produto clássico, da mesma maneira que os pregoeiros de tempos passados, o pregão realizado por ele é diferente do tradicional. Essias fala mais do que canta, não apregoa tão alto quanto o costume dos tradicionais pregoeiros, mas mantém sempre o repertório, com o mesmo texto e mesma maneira de abordar o cliente “Não é bom tomar um sorvetinho?”, começa. De acordo com a resposta do potencial cliente ele continua “Na casquinha de beiju é uma delícia” e segue dizendo os sabores do dia. Embora tenha se modernizado a ponto de receber Pix como forma de pagamento, Essias demonstra sua simplicidade quando revela não possuir telefone celular. Mas garante que pode ser encontrado todos os dias na praça: ‘É só perguntar pelo sorveteiro’. (Figura 15).

Figura 15 – Seu Essias, o sorveteiro



### 5.3.3 O quebra-queixo

Possuidor da receita de um famoso doce nordestino, raro de se encontrar atualmente, George Alisson Maranhão, é um tradicional vendedor de quebra-queixo. Com uma banca fixa, na Rua de Nazaré, no Centro de São Luís, prestes a completar 27 anos de trabalho em novembro, ele vende o doce de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h30.

Figura 16 – George Alisson ao lado da sua banca de quebra-queixo



Fonte: Bruna Castro

Morador do bairro do Itaqui-Bacanga, Alisson começou a vender o quebra-queixo, aos 18 anos de idade, como ajudante de Seu Raimundo, conhecido como 'o Padeiro'. Raimundo era famoso no Reviver, por fazer e vender o doce já há muitos anos, e foi apresentado a Alisson pela mãe do jovem, que trabalhava na feira do local. Nos primeiros 13 anos de trabalho, Alisson apenas ajudava na venda da iguaria, a produção ficava a cargo unicamente de Seu Raimundo. Contudo, Alisson conta que após ficar muito doente, o Padeiro resolveu ensiná-lo o preparo do

quebra-queixo com o intuito de manter a tradição viva. “Ele caiu doente e antes de falecer me chamou pra casa dele lá na Vila Embratel e me ensinou como se prepara o quebra-queixo. Aí eu fui e aprendi com ele, pouco tempo depois ele morreu”. Desde então, Alisson continuou a tradição, hoje com 45 anos ele é conhecido como o vendedor de quebra-queixo da Rua de Nazaré, ou apenas ‘quebra-queixo’.

Preparado no fogão a lenha, o vendedor explica que o quebra-queixo é fácil de fazer, e só leva três ingredientes: coco, açúcar e água. Mas diz que tem ‘o ponto certo’, para que um simples melado se transforme no doce que atrai diariamente populares e turistas de várias partes do Brasil, para sua barraca. (Figura 17).

Figura 17 – Banca de quebra-queixo.



Posicionado no mesmo local há anos, os clientes regulares de Alisson sabem exatamente onde encontrá-lo, e os turistas contam com a orientação da Secretaria de Turismo do Maranhão, que divulga o produto, em sua sede, junto a outros clássicos da cultura maranhense. Lá as pessoas recebem informações de como chegar à banca, quando vão em busca do tradicional doce. Muitos visitantes fotografam a banca, curiosos por encontrar o doce, que pensavam estar extinto. (Figura 18).

Muita gente pensa que não existe mais. Mas só aqui na rua de Nazaré que vocês acham. Tem muitos turistas que procuram o quebra-queixo, porque na cidade deles não tem. Então eles compram aqui pra levar pra lá. Eu vendo é muito pro Rio de Janeiro, São Paulo, Belém. Porque lá na cidade deles não.

Figura 18 – O famoso quebra-queixo



Fonte: Bruna Castro

Diferente dos outros pregoeiros retratados aqui, que vendem seus produtos se deslocando e cantando seu pregão, Alisson não precisa levar o doce às pessoas, elas vêm até ele. Devido à forte tradição e sua raridade, as pessoas procuram pelo ‘vendedor de quebra-queixo’, buscando encontrar o doce, que fez parte de sua infância ou juventude. Nesse caso, o pregoeiro não precisa apregoar, nem convencer ninguém a comprar, o produto por si só é o pregão.

### 5.3.4 O boleiro

Se Jesus me ajudar, o bolo vai acabar  
Olha só que legal  
Eu estava há quatro anos  
vendendo o bolo por um real  
mas eu cheguei ao meu limite, o bolo agora é um em vinte

É o bolo, é o bolo, é o bolo, é o boooooo!  
É o bolo, é o bolo, é o bolo, é o boooooo!

O carro do bolo tá vindo aí  
Levando o bolo de abacaxi  
Eu ando daqui até a ilha, eu vou no bolo de baunilha,  
Galinha no choco, cachorro não late, é o bolo de chocolate.  
Tem peixe na água e galinha na granja  
Tenho bolo de laranja  
Olha só que bacana  
Tenho bolo de banana  
O sino badala mas ele é oco  
Eu tenho bolo de coco  
Venha cá meu irmão  
Provar meu bolo de limão  
Pra você que tá cansado  
Eu tenho bolo mesclado  
Criançada venham cá  
Provar meu bolo de maracujá  
Galera maneira que faz a ôla  
Eu tenho bolo de cenoura  
Pra você homem casado  
Pra você mulher viúva  
Eu tenho aqui no carro  
O bolo de uva  
O bolêro dança samba  
O bolêro dança tango  
E traz para vocês  
O bolo de morango  
Olha o bolo de fubá  
Só tem um para acabar  
Foi Jesus que me ajudou  
E o bolo acabou  
Descansar não tá com nada, eu tô tomando uma gelada

É o bolo, é o bolo, é o bolo!  
É o bolo, é o bolo, é o bolo! (Francisco de Assis.)

O criativo pregão foi criado por Francisco de Assis, de 66 anos. Casado, com duas filhas e ex-pregoeiro do município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Conhecido por Boleiro ou simplesmente Bolo, seu Francisco vendeu bolo, feito por ele mesmo, por mais de vinte anos, até que um infarto o impossibilitou de trabalhar e ele foi aposentado por invalidez, no ano de 2008. Mesmo após 16 anos, seu Francisco ainda é lembrado por seu trabalho como boleiro.

Diferente dos pregoeiros que têm o ofício passado de pai para filho, como o sorveteiro Essias, Francisco é um exemplo do recorte social que muitos vivem no país: como a dificuldade em arranjar um emprego formal faz com que a pessoa busque na informalidade o sustento diário.

Seu Francisco trabalhava na empresa de transporte de ônibus interestadual Viação Cometa, quando perdeu o emprego e precisou encontrar outra ocupação. Não encontrando um emprego formal, ele primeiro tentou ser camelô, sem sucesso, quando seu irmão, que trabalhava como ajudante vendendo pão e bolo na cidade do Rio de Janeiro, o chamou. Sem opção, Francisco primeiro observou como era o trabalho, depois pediu a receita de bolo para a esposa de um amigo e então aprendeu a fazer e começou a vender os bolos, em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro.

Ele relembra que o início não foi fácil, batia de porta em porta nas casas oferecendo, mas não conseguia vender muitas unidades, foi quando um dia na casa de uma amiga, ele pegou um sino, saiu para rua e começou a gritar “É o bolo! É o bolo! É o boooooooooolo!”. Nascia ali um pregoeiro. Seu Francisco começou então a criar uma música de acordo com os sabores de bolo que vendia no dia. Aos poucos as rimas iam se encaixando, e as vendas aumentando.

Enquanto passava pelo Galo Branco, Chumbada, Rocha, Colubandê, Água Mineral, Engenho Pequeno, Neves, Vila Lage, Santa Catarina, Barro Vermelho, Covanca e muito outros bairros de São Gonçalo, apregoava a canção que segundo ele “veio na cabeça” e se tornava conhecido como Boleiro ou simplesmente Bolo.

O boleiro trabalhou assim por quase vinte anos, cada dia alternava os bairros em que passava. Começou vendendo a pé, depois com um carrinho de bebê, um carrinho de mercado, carrinho de feira, até que ganhou um triciclo, e, por fim, uma bicicleta de carga. (Figura 19).

Figura 19 – Seu Francisco, também conhecido como Boleiro ou Bolo.



Fonte: Disponibilizada pelo entrevistado

O bolo inteiro era vendido por R\$ 1,00, depois passou para R\$1,20, R\$1,50 e por fim R\$ 2,00. É necessário destacar que estamos falando aqui da década de 1990 e início dos anos 2000, onde os valores não retratam a realidade econômica de hoje. “Eu não consegui aumentar muito por causa das pessoas pobres”, explica ele, que vendia para a população mais carente nas comunidades da cidade.

Apesar de vender o bolo para seu sustento diário, como não queria aumentar o valor do produto devido à sua clientela, com as mudanças econômicas e aumento do preço dos insumos ficou insustentável lucrar o suficiente para se manter. (Figura 20). Como solução ele foi trabalhar em um segundo emprego, como porteiro. “No final, eu já estava trabalhando, arrumei emprego de porteiro em um prédio e vendia. Metade do dia, vendia bolo, e metade eu ia para o

prédio. Aí eu tive que parar, porque tive problema de saúde”, explica, se referindo ao infarto que sofreu em 2008 e o obrigou a parar as vendas e se aposentar por invalidez em 2009.

Figura 20 – O bolo feito pelo próprio Francisco.



Fonte: Disponibilizada pelo entrevistado

Boleiro lembra dos tempos de vendedor saudosamente, e relata como se sentia e como era a relação com sua clientela e com as crianças.

Eu era chamado de Bolo ou de Boleiro, ninguém sabia o meu nome direito. Quando eu chegava em um lugar que tinha crianças com deficiência, as mães me chamavam como se fosse médico, que as crianças melhoravam, queriam me ver de qualquer jeito. E eu ficava feliz com aquilo, que eu chegava, abraçava, queria dar o bolo para a criança, dava o bolo. É isso aí, eu fui vendendo o meu bolo e passei a ficar conhecido e querido por todo mundo e infelizmente a doença fez eu parar. Eu mesmo sinto saudade de mim. (Seu Francisco).

Percebe-se o pregoeiro como um personagem que atravessa gerações, carregando consigo a essência de um tempo em que o comércio informal era necessário para suprir as necessidades básicas da população. Contudo, mesmo trazendo consigo a história de épocas passadas, este reflete também as transformações da sociedade ao longo de todos esses anos, sempre se adaptando as mudanças. Pois, apesar de ser uma persona importante na memória das pessoas é também o retrato de uma realidade marcada pelas desigualdades sociais.

Os pregoeiros acima citados possuem em comum muito mais que o pregão. Determinadas circunstâncias que o fizeram enveredar pela profissão e continuar nela, mesmo depois de tantos anos podem ser observadas na história de cada um. Como por exemplo, todos moram em bairros periféricos, começaram a vender seus produtos nas ruas por necessidade na falta de um trabalho formal e continuam no ofício mesmo após 30 anos de trabalho. São cidadãos que têm um papel na sociedade, fazem parte da economia local, mas no geral não são assistidos pelo Estado com direitos trabalhistas, o que os impedem de parar de trabalhar mesmo ao alcançarem avançada idade.

Embora sejam celebrados por uns e por muitas vezes exercerem um papel cultural, os pregoeiros são pessoas marginalizadas, que dependem dessas vendas para sobreviver e na maioria das vezes só conseguem o mínimo para suas necessidades básicas. Sua existência para além de sua importância histórica, é também uma lembrança persistente das profundas disparidades sociais.

Apesar disso percebe-se o prazer desses vendedores em realizar o ofício. Há uma alegria e nostalgia quando estes falam de seu trabalho e contam as suas experiências como vendedores. Muitos não se veem fazendo outra coisa, ou até mesmo parando de trabalhar. E somado a eles, existem seus fregueses que também possuem memórias de afetos relacionados a eles.

Existe assim uma dicotomia entre a imagem que se cria no imaginário das pessoas e a realidade da vida desse personagem, que nada mais é que um cidadão na luta pelo pão diário.

#### **5.4 Registro em áudio dos pregões**

Para registrar os pregões realizados pelos pregoeiros entrevistados, que dão continuidade a tradicional prática preservando essa forma de cultura popular, foi produzida um compilado em áudio, com os pregões de Dona Corina, a vendedora de pirulito, seu Essias o sorveteiro, seu Neres, vendedor de Ideal e seu Francisco, o Boleiro.

Os áudios de Dona Corina e seu Francisco foram captados por aplicativo de mensagens, enquanto os áudios de seu Essias e seu Neres, foram captados presencialmente, durante as entrevistas realizadas presencialmente.

O objetivo é manter viva a voz desses pregadores, que fazem e fizeram parte da história dos pregoeiros.

Para acessar a áudio gravação aponte o celular para o QR Code, a seguir.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo investigar sobre a figura do pregoeiro, que é parte da história cultural da cidade de São Luís, destacando a importância da comunicação utilizada no ofício por meio do pregão, e demonstrando a realidade dessas pessoas, que antes de pregoeiros são cidadãos, muitas das vezes invisibilizados socialmente.

O pregão é um importante recurso de comunicação popular que, apesar das transformações ao longo do tempo, mantém-se vivo nas ruas de São Luís. A investigação observou, empiricamente, que a comunicação oral dos pregoeiros tem se ressignificado, adaptando-se às novas realidades, mas sem perder sua essência e importância cultural, permanecendo mesmo com todas as mudanças e desenvolvimentos sociais e industriais.

Percebe-se que mesmo com o surgimento de outros meios de vendas, como as grandes lojas varejistas, vendas online e com as mudanças dos produtos, novas formas de armazenamento e diminuição da necessidade das pessoas de comprarem diretamente com vendedores ambulantes, o pregoeiro permaneceu. Sua existência mesmo após tantas mudanças levanta uma questão social, também abordada na pesquisa.

Apesar de estar intrinsecamente ligado à cultura local, o pregoeiro é também reflexo de um problema social. Marcados por uma educação básica limitada que resulta em pouca qualificação profissional e culmina em uma ocupação que carece de garantias legais, o cotidiano de trabalho desses profissionais é extremamente árduo e difícil.

Por ser um trabalho informal, as leis trabalhistas não os protegem nem dão os mesmos direitos de quem trabalha com carteira assinada. Fazendo com que esse trabalhador passe mais tempo trabalhando em situações que demandam muito fisicamente, por um lucro que na maioria das vezes é suficiente apenas para cobrir suas necessidades básicas e de suas famílias. Apesar de sua importância histórico-cultural, constata-se a necessidade de uma maior visibilidade e valorização desses trabalhadores.

Contudo, mesmo com toda dificuldade, observou-se que os pregoeiros entrevistados tinham em comum o fato de acharem seu trabalho gratificante. Todos trabalhavam com amor e tinham prazer na lida, evidenciando como são reconhecidos pela comunidade e demonstram afeição por sua atividade. Esses personagens fazem parte do imaginário popular, trazendo memórias afetivas e nostalgia para as pessoas, evocando tempos em que suas vozes anunciavam mercadorias e serviços pelas ruas.

Por fim, o trabalho também realizou o registro de suas vozes e pregões, captado por meio de gravações realizadas nesta pesquisa, visando eternizar essas vozes e conseqüentemente o personagem. Dessa forma, a pesquisa buscou não apenas documentar essa prática de

comunicação oral, mas também preservar a memória de figuras importantes como os pregoeiros entrevistados, contribuindo para a valorização desse personagem por meio de mais um trabalho com esta temática.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.155-202.

AZEVEDO. **O Mulato**. [S.l.: s.n.], 1881. Obras Completas de Aluísio Azevedo.

Bacellar, Clarissa. Pregoeiros: personagens históricos das ruas de São Luís. *In*: Portal Amazônia, [S.l.: s.n.], 11 maio 2023. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/pregoeiros-personagens-historicos-das-ruas-de-sao-luis/> Acesso em: 29 ago. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Apendizagens em História. *In*: BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 181-222.

BOGÉA, Lopes; VIEIRA. Antônio. **Pregões de São Luís**. 2.ed. São Luís: FUNCMA, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Ideb: Maranhão avança nos anos iniciais do ensino fundamental. [Brasília, DF]: MEC, 14 ago 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/ideb-maranhao-avanca-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CARVALHO, Karoliny Dini; NETTO SIMÕES, Maria de Lourdes. Reinterpretando o acervo arquitetônico do bairro da Praia Grande através dos lugares de memória. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, El Sauzal (Tenerife), España, v. 9, n. 4, p. 633- 646, oct, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/881/88122240012.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CHAGAS, Carla Santos Torres *et al.* A era dos jingles. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/expocom/EX22-0060-1.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

CHANDOCHA, Carmem. **Memória e o ensino da história local: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná: Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2016.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. [S.l.]: Editora Autêntica, 2009

CONHEÇA 5 poemas inspirados em São Luís. [São Luís]: O Imparcial. 22 set. 2018. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/educacao/2018/09/conheca-5-poemas-inspirados-em-sao-luis/4/#the-post>. Acesso em: 8 ago. 2024.

CORDEIRO FILHO, José de Ribamar. **Pregoeiros e Figuras Populares de São Luís**. 2002.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. Espaços Negros: "cantos" e "lojas" em Salvador no Século XIX. **Caderno CRH**. Suplemento, p. 18-34, 1991. <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18842>. Acesso em: 23 jun. 2024.

COSTA, Erico. Brasil tem mais trabalhadores informais que formais. Informalidade é responsável por 38,9% da população ocupada no Brasil, segundo a PNAD Contínua. [S.l.]: Diário Pernambucano. 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/colunas/ecnomiaemfoco/2024/05/brasil-tem-mais-trabalhadores-informais-que-formais.html> . Acesso em: 25 ago. 2024.

COSTA, Flaviano Menezes da. **Moradas da memória**: o valor patrimonial dos lugares privados da antiga São Luís sob o olhar da literatura, da toponímia e da geografia humanista. São Luís: EDUFMA, 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUSCUZ Ideal. [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (213 min.). Publicação pelo canal TVImparcial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OvU-4svugAk>. Acesso em: 27 ago. 2024.

DAVID, Priscila. História Oral: Metodologia do Diálogo. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 157-170, janeiro-junho, 2013. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/313/601>. Acesso em: 5 jul. 2024.  
DELGADO, L. DE A. N. **História oral**: memória, tempo, identidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EBC. TV Brasil. O Quadro Pessoas conta a história de Dona Corina. Com quase 90 anos ainda vende seus pirulitos artesanais pelas ruas. [S.l.: s.n.], 3 ago. 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-maranhao/2017/08/o-quadro-pessoas-counta-historia-de-dona-corina> . Acesso em: 29 ago 2024.

FEIRINHA São Luís. [S.l.: s.n.], c2023. Disponível em: <https://turismosaoluis.com.br/eventos/feirinha-sao-luis/>. Acesso em 29 ago. 2024.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais: cultura é memória. **Revista USP**, São Paulo, n. 29, p. 102–106, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25645>. Acesso em: 11 maio. 2024.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. [S.l.]: Ed. Perspectiva. 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ILHA Magnética - César Nascimento. [S.l.: s.n.], 2012. 1 vídeo (211 min.). Publicado pelo canal Edvânia Kátia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LDgEeBv1kQo&t=83s>. Acesso em: 8 ago. 2024.

IPHAN. **São Luís (MA)**. [Brasília, DF: IPHAN], c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/346/#:~:text=Foi%20reconhecido%20como%20Patrim%C3%B4nio%20Cultural,preservado%20e%20conjunto%20arquitet%C3%B4nico%20representativo>. Acesso em: 11 jul. 2024.

JOUTARD, Philippe. História oral: balaço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. *In*: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-62.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, M.E.A. **Contribuições da Revista Maranhense para o desenvolvimento da educação e da ciência no estado do Maranhão: 1887 a 1920**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharel em Bibliotconomia) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2003. Disponível em:

<https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/5296/1/ROSAMARIAXAVIERBRAS.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Sendo cativo nas ruas: a escravidão urbana na cidade de São Paulo. *In*: Paula Porta (org.). **História da Cidade de São Paulo: A Cidade no Império, 1823-1889**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p.55-99.

MARANHÃO. Secretaria de Comunicação Social. Maranhão registra terceiro mês seguido com resultados positivos na geração de empregos formais. [São Luís]: SECOM, 28 jun.2024b. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias-regionalizadas/caged-2024/05/maranhao-registra-terceiro-mes-seguido-com-resultados-positivos-na-geracao-de-empregos-formais>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MARANHÃO. Secretaria de Educação. Analfabetismo cai no Maranhão e tem a menor taxa dos últimos 12 anos, segundo dados do IBGE 2022. [São Luís]: SEDUC, 17 maio 2024a. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/analfabetismo-cai-no-maranhao-e-tem-a-menor-taxa-dos-ultimos-12-anos-segundo-dados-do-ibge-2022/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

MARANHÃO. Secretaria de Estado de Turismo do Maranhão. **Cidades Patrimônio, História e Arquitetura**. [São Luís]: SECTUR, [202-]. Disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/cidades-patrimonio-historia-e-arquitetura>. Acesso em: 11 julho 2024.

MONTEIRO, Marcio de Oliveira. Indivíduo, memória e história. **Revista Transformar**, Itaperuma, p. 76-90. 2016. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/76>. Acesso em: 27 maio 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, [São Paulo], v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 jun. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 15, p.13-49, abr. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acesso em: 11 maio 2024.

QUILICI, Cassiano. O campo expandido: arte como ato filosófico. **Sala Preta**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 12-21, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/84758>. Acesso em: 18 setembro 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RUMO aos 406 anos: Cinco músicas que se inspiram em São Luís. De Alcione a Cesar Nascimento, confira as músicas inspiradas na nossa querida ilha. *In: IMIRANTE*. São Luís: Namira, 27 mar. 2022. Disponível em: <https://imirante.com/entretenimento/sao-luis/2018/08/21/rumo-aos-406-anos-cinco-musicas-que-se-inspiram-em-sao-luis>. Acesso em: 8 ago. 2024.

SÁ VALE, José Ribeiro de. Maranhão Antigo e Moderno. [S.l.: s.n.], 1931.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: semiose e autoeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTOS, Adriana Monteiro. **O cotidiano da resistência escrava: São Luís do Maranhão (década de 1830)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

Disponível em:

<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/1458/2/AdrianaMonteiroSantos.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. **O Percevejo**. Rio de Janeiro, n. 12, p. 25-50, 2003.

SCHWARCZ, Lilia M. **As barbas**

**do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SILVA, E.K.C.; SILVA, M.S.P. **As mudanças no mundo do trabalho na sociedade contemporânea e seus impactos na formação do trabalhador**. [S.l.: s.n.], 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Robério Américo do Carmo. Narrativas orais como fontes para uma compreensão histórica da experiência vivida. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 118-129, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/28212>. Acesso em: 26 maio 2024.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: os sons que vêm das ruas**. São Paulo: Edições Tinhorão, 1976.

VIANA, Ellen Lucy Moreira. **A Construção cênica na perspectiva da abordagem histórico e sociocultural: o caso dos pregoeiros de São Luís**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/1590>. Acesso em: 8 maio 2024.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec; Educ Ltda, 1997.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – Entrevista realizada com Essias Almeida Barros - Vendedor de sorvete****Realizada no dia 4 de março de 2024.**

1. Primeiro eu gostaria que você falasse seu nome e sobrenome.  
Meu nome é Essias Almeida Barros.
2. O senhor vende aqui há quanto tempo?  
Fiz agora trinta anos.
3. O senhor tem quantos anos?  
Eu vou fazer agora cinquenta.
4. Como foi que o senhor começou a vender?  
Eu vim do interior.
5. Qual interior?  
São João Batista. Eu vim do São João Batista. Cheguei para o primeiro serviço que me apresentaram, foi vender sorvete.
6. Então o senhor veio, quem foi que lhe apresentou?  
Meu irmão.
7. Seu irmão, ele já vendia aqui?  
Já vendia.
8. Como é o nome dele?  
Josevan Almeida Barros.
9. E onde é que ele vende agora?  
Não, ele não vende aqui em São Luís, ele vende em Alcântara.
10. E então o senhor veio para cá e ele lhe ensinou?  
É. O senhor faz o sorvete? Não, tem uma distribuidora que distribui para a gente vender.
11. Como é que o senhor vende?  
Não, eu vendo mais é andando. E perguntando, oferecendo.
12. Tem algum bordão, que o senhor usa?  
Eu fico mais é oferecendo. “Ah, meu barão, um sorvetinho aí não é bom tomar um sorvete, uma casquinha de beiju e tal? Nós temos de coco, temos de bacuri, temos de tapioca”.
13. Como é que o senhor iria me vender o sorvete, o que o senhor ia me falar?  
Quando vocês iam passando aí. Ei minha jovem, não é bom tomar um sorvete, para acalmar o calor? Aí o cliente chega ‘tem sabor de que?’ Nós temos de coco, tem de tapioca, temos de bacuri, temos de cupuaçu.
14. Além do senhor e do seu irmão, mais alguém da sua família vendia?  
É, porque esse sorvete aqui que a gente vende aqui em São Luís, mais é família. Vem pulando de tradição pra tradição. O meu avô vendeu, meu pai vendeu. Meu irmão, eu tenho certeza que faz uns 45 anos que ele vende em Alcântara. Eu nem sonhava de vir pra cá pra São Luís, ele já vendia. Quando eu cheguei, aí você sabe que a pessoa que vem do interior não pode ficar parada na cidade. Ele me apresentou, vendeu, gostei, tá até hoje.
15. E o senhor nunca pensou em fazer outra coisa?  
Por enquanto não.
16. Sempre conseguiu se manter?  
É verdade.
17. O senhor é casado? Tem quantos filhos?  
Sim. Cinco.

18. A renda é só do sorvete? O senhor mora onde? O senhor vende só aqui no Reviver ou em outras localidades?  
Só do sorvete. Eu moro no Anjo da Guarda. Não, só aqui na praça.
19. Tem algum cliente que o senhor já conhece há anos, que sempre vem comprar?  
Ah, com certeza.
20. Quantas pessoas assim, mais ou menos?  
Rapaz, eu tenho assim uma faixa de uns (pausa) eu não sei, mas é uma faixa de 50 clientes fixos.
21. Eles já estão sempre aqui trabalhando, ou só vem pra tomar a mesmo?  
Mais é aqui cliente aqui do tribunal, aqui da prefeitura, palácio, da igreja, nessa área aqui. É ali do João Goulart.
22. O seu irmão que falou para o senhor vender, mas ele lhe ensinou, como o senhor deveria vender?  
Não, quem me ensinou mais quando eu comecei a vender, foi a dona da sorveteria. Não essa que eu trabalho hoje. Porque hoje o nome dela é Marlise, ela tem uma sorveteria. Quando eu comecei a vender, era no inverno. Você vê que quando é a primeira vez do cara na cidade, o cara ‘vem no corpo’, né? Então, eu chegava e vinha vender na praça. Só que eu vendia pouco, eu tinha pouco conhecimento assim, então ela falava, “ó, não desiste, um dia você vai gostar”. Aí foi a verdade mesmo, parece que ela tava falando pela boca dos anjos.
23. O senhor pode dizer qual é o nome da fábrica que...  
Que eu pego sorvete? Sabor de Quero Mais
24. O senhor vai e pega diariamente, como é que faz?  
Não, lá a gente compra por quilo. Tem uma tabela de conta que você faz, compra a casquinha e o sorvete. Aí você sai pra vender, e só paga quando você chega. Se você não vender você não paga.
25. Devolve?  
É, ou você pode guardar para o outro dia, que o sorvete não tirou do gelo ele não se estraga.
26. Em média quanto que o senhor vende por dia?  
Tem dia que eu não vendo meia caixa, mas tem dia de eu vender uma caixa, duas ai vai conforme a venda.
27. Depende do tempo, por exemplo no verão?  
O verão é bom, quanto mais no período de São João e Natal vende muito o povo gosta.
28. O senhor só recebe dinheiro? Tem pix? Paga com cartão?  
Não, eu recebo o dinheiro e pix.
29. O senhor comentou que vende aqui nesses arredores, foi a própria dona da sorveteira que lhe colocou aqui ou o senhor que escolheu essa localidade?  
Não, eu que escolhi mesmo.
30. Por quê?  
Não, porque eu gostei mesmo assim do local, eu já peguei minha clientela, aí eu não acerto em vender para outro lugar sem ser aqui.
31. Sempre vende dois sabores?  
Não, hoje que eu tenho esses dois sabores, mas eu trago bacuri, trago cupuaçu, maracujá, graviola. É conforme o sabor que o dono da empresa tem, que distribui para a gente vender na rua.
32. O senhor pode me passar seu contato, caso eu precise de mais alguma informação?  
É porque eu não uso celular.
33. Mas o senhor está sempre aqui?

Todo dia. De que horas até que horas? Eu chego 9h30, 10 horas eu fico até 6h30, 7 horas da noite.

34. O senhor aceitaria agora eu tirar só uma foto sua pra colocar no trabalho?  
Pode!

## APÊNDICE B – Entrevista realizada com José Neres - Vendedor de Cuscuz Ideal

### Realizada nos dias 5 e 8 de junho de 2024.

#### Dia 5 de junho de 2024

1. Como é seu nome? O senhor trabalha há quantos anos vendendo Ideal?  
José Neres Cruz Santos.. Mais de trinta anos.
2. O senhor vende em quantos bairros?  
Eu faço Maiobão, Cidade Operária, Jardim Tropical, Jardim São Cristóvão, Parque Shalom, Cohajap, Cohatrac, tem vários bairros.
3. O senhor começou com quantos anos? O senhor que faz o ideal?  
Eu acho que eu tinha mais ou menos 28 ou 30 anos. Eu nem contei com quantos anos eu comecei. Não, eu só sou o vendedor. Eu compro lá deles, pra revender. Tem outro pessoal lá que faz o ideal.
4. O senhor é casado? Tem quantos filhos?  
A minha esposa ela já tinha filhos, depois que ficaram tudo adulto ai não deu mais certo, a gente se separou. De lá pra cá ninguém quis mais, aí tô solteiro (risos), sem filhos.
5. O senhor sai pra vender faça chuva ou faça sol?  
Em média quantas unidades o senhor vende por dia? Eu saio às quatro horas da manhã. Trabalho das seis horas até nove e meia, pela manhã. À tarde eu comecei uma, aí vai até umas cinco e meia, seis horas. Porque eu só posso sair depois que eu terminar de vender tudinho. Hoje eu comprei 350, porque eu comprei duzentos e cinquenta pra mim e mais cem que eu faço de doação pro Instituto Antônio Brunno<sup>1</sup>, toda quarta feira. Faz uns quinze ou vinte anos já, que eu faço isso.
6. O senhor vende sempre essa média de trezentos e cinquenta?  
Não, a média é duzentos e cinquenta, trezentos. Mas é porque eu não forço muito a barra eu digo " já tô velho, não posso tá gritando muito" (risos)
7. O senhor tem quantos anos?  
Meia seis.

#### Dia 8 de junho de 2024

1. Como foi que o senhor começou a vender? Alguém lhe indicou? O senhor trabalhava antes?  
Eu trabalhava. Primeiro eu trabalhava lá na rodoviária, no governo cafeteira, aí eu saí de lá, aí fui trabalhar de vendedor de peixe na rua, entendeu? Depois, eu fui pra Mendes Júnior, ai da Mendes Júnior acabou o serviço, eu resolvi vir pro cuscuz.
2. E no peixe o senhor passou quanto tempo?  
Dois meses, três meses.
3. O senhor também cantava?  
É “Olha o peixe, o peixe, o peixe!”. Em uma bicicleta, eu vendia ali na Cidade Operária, Vila Flamengo, por ali tudinho. Mas uns dois meses depois, eu desisti. Não gostei, “lambregava” muito, e eu sempre gostei de andar mais assim (pausa) aí eu caí fora, eu digo “não, não dá pra mim”. Então conversando, na Flamengo tinha uma outra marca de cuscuz do funcionário daqui, aí ele disse, “Rapaz, tu quer vender ideal, vai lá pra minha fábrica, eu tô precisando de vendedor”. Cheguei lá, trabalhei com ele mais ou menos noventa dias, então eu fui vender na Duvel<sup>2</sup>, aí o rapaz disse pra mim que o cuscuz não era igual esse do Anil. Eu não tinha conhecimento com o pessoal ali do Anil,

com o dono da empresa, então ele disse, “olha eu vou te arrumar o dinheiro, tu vai lá no Anil compra e traz que a gente compra na tua mão”. Eu disse que ia primeiro falar com o dono, me informar do valor, e depois eu vinha pra conversar com ele, saber quanto ele podia me ajudar, porque não financiava, tinha que ter o dinheiro na hora e eu não tinha. Então, eu cheguei e falei com o dono, ele disse “Na hora que tu quiser começar, não tem problema nenhum”. Eu fui era uma terça-feira, quando foi na quarta-feira eu comecei, eu não marquei o dia, nem o ano, mas comecei de lá pra cá não parei mais.

4. O senhor tem vários clientes fiéis?  
 Cliente demais, bastante eu tenho. Graças a Deus, esse nosso Deus é maravilhoso, me deu uma clientela que é até hoje. Eu comecei, entendeu? Às vezes um se muda de um lugar para o outro, mas aí os filhos ficam, genro, e continua o mesmo, na mesma rotina. Aqui, ele aqui, o rapaz ali, a irmã ali do canto.
5. Hoje, dia de sábado, qual é o circuito que o senhor faz?  
 Hoje eu vou fazer aqui, vou entrar aqui no Solar dos Encanto, ali nos condomínios, Granada, Esmeralda, e vou lá para o Parque Sabiá, de lá eu vou subindo, atravesso lá para o São Cristóvão. Às vezes não dá nem para chegar, as vezes aqui no Parque Sabiá termina logo, aí eu não vou nem dentro do São Cristóvão.
6. Sábado vende mais?  
 Vende. Hoje eu trouxe agora de manhã, 150. Se eu fosse vender de tarde, eu ia vender uns 300 cuscuz hoje.
7. Mais dia de sábado você só vende de manhã?
8. Só de manhã. Antes eu trabalhava de tarde. Agora os velhos (risos) todo mundo garotinho, aí tô ficando preguiçoso (risos). De tarde eu chego em casa, vou dar um grau nela aqui que está estalando, a minha ‘magricela’, entendeu? Ta estalando, tem coisa quebrada, vou mandar ajeitar ela. Aí preparo a minha comida, lavo alguma roupa suja que tenho. Quando amanhã começo, eu trabalho só de manhã. Aí segunda-feira. Aí eu saio pra terminar, dar o grau aqui no quartinho que moro. Fazer comida pra mim. Esquentar a minha comida que eu compro, e vou só congelado. Congelo pra ir tirando aos pouquinhos, que é mais prático. Porque chegar cansado pra ir cozinhar, ai não é bom. Assim já está tudo prontinho, é só banhar, esquentar, uns minutinhos já está pronta (risos).

- a. Casa de apoio às pessoas com câncer. 2- Concessionária de carros.

## APÊNDICE C – Entrevista realizada com seu Francisco – Vendedor de bolo

**Realizada nos dias 4 e 5 de junho de 2024.**

**Dia 4 de junho de 2024**

1. Oi, Seu Francisco. Boa noite. Obrigada pela disponibilidade. Primeiro, eu gostaria que o senhor só falasse o seu nome e sobrenome, sua idade, e comentasse um pouco a respeito da sua história como vendedor de bolo. Como começou, quanto tempo o senhor ficou vendendo, como era, e a partir daí eu vou lhe fazendo outras perguntas. Preciso também que o senhor grave um áudio com a música que o senhor cantava quando vendia os bolos.

Oi, Bruna, meu nome é Francisco de Assis, tenho 66 anos, e eu vou começar pra você, eu estou falando aqui de fora porque em casa é muito difícil, eu vou começar então cantando a música do bolo pra você.

Se Jesus me ajudar, o bolo vai acabar/ Olha só que legal/ Eu estava há quatro anos vendendo o bolo por um real/ mas eu cheguei ao meu limite, o bolo agora é um em vinte/ É o bolo, é o bolo, é o bolo, é o bolo!/ É o bolo, é o bolo, é o bolo, é o bolo!/ O carro do bolo tá vindo aí/ Tá vindo o bolo de abacaxi / Eu ando daqui até a ilha, eu vou no bolo de baunilha / Galinha no choco, cachorro não late, é o bolo de chocolate / Tem peixe na água e galinha na granja / Tem o bolo de laranja / Olha só que bacana / Tem o bolo de banana / O sino badala mas ele é oco / Eu tenho bolo de coco / Venha cá meu irmão / Traga meu bolo de limão / Pra você que tá cansado / Eu tenho bolo mesclado / Criançada venham cá / Provar meu bolo de maracujá / Galera maneira que faz a ôla / Eu tenho bolo de cenoura / Pra você homem casado / Pra você mulher viúva / Eu tenho aqui no carro / O bolo de uva / O bolero dança samba / O bolero dança tango / E traz para vocês / O bolo de morango / Olha o bolo de fubá / Só tem um para acabar / Foi Jesus que me ajudou / E o bolo acabou / Descansar não tá com nada, eu tô tomando uma gelada / É o bolo, é o bolo, é o bolo! / É o bolo, é o bolo, é o bolo! / Fui, pediu pra parar, parou!

Mas eu só cantava os sabores que eu estava vendendo na bicicleta, ou no carrinho de feira, quando eu comecei. Eu sempre cantava os sabores só que eu estava vendendo.

2. Oi Sr. Francisco, boa tarde, muito obrigada, adorei a canção, a venda do bolo. O senhor começou a vender bolo com quantos anos? Quantos anos o senhor tinha e como foi que começou, assim, o senhor que preparava os bolos, como eram esses detalhes, se o senhor puder me falar, eu agradeço.

Ah minha filha, a minha idade eu não lembro não, mas eu vendi mais ou menos 20 anos, bolo. Tudo começou quando eu fiquei desempregado na Viação Cometa<sup>3</sup>, fiquei sem saber o que fazer. Fui tentar vender algumas coisas de camelô, aí meu irmão me chamou pra ir pro Rio vender pão e bolo com ele na Fiorina, eu fui, aí eu fiquei prestando atenção. Aí um colega dele me chamou também, eu fui pedir a receita do bolo à esposa do amigo. Ela me deu a receita, eu comecei a fazer o bolo. Mas saía pra rua sem saber como vender, oferecendo aos outros, batendo de porta em porta, oferecendo. Vendia pouco, vendia quase nada. Eu ia muito na casa de umas amigas que me dava força. Aí eu vi um sininho em cima da mesa. Aí eu peguei esse sininho e pedi emprestado a ela. Fui pro meio da rua, balancei o sino e cantei ‘o bolo, o bolo, o bolo!’ veio na cabeça. Aí, eu pedi para ela o sino, ela me deu. E aos poucos, eu fui fazendo uma música, eu ia fazendo uns sabores, eu fui cantando. Mas o gostoso do bolo, eu não ganhei nada, não

3- Empresa de transporte.

fiquei rico até hoje, que eu fui obrigado a parar em 2008, que enfartei, fiquei doente. Mas o gostoso é que eu saía para a rua e parecia que eu não era vendedor, porque eu era muito querido em todas as comunidades que eu ia, em todo lugar que eu ia. Eu dava sempre o último bolo para uma criança, não vendia. E quando eu chegava em um lugar que tinha crianças com deficiência, as mães me chamavam como se fosse médico, que as crianças melhoravam, queriam me ver de qualquer jeito. E eu ficava feliz com aquilo, que hoje chegava, abraçava, queria dar o bolo para a criança, dava o bolo. É isso, eu fui vendendo o meu bolo. E eu mesmo sinto saudade de mim. E passei a ficar conhecido e querido por todo mundo e infelizmente a doença fez eu parar. Agora se quiser perguntar mais alguma coisa você pergunta que eu vou respondendo. Eu não estando em casa é melhor que eu estou indo para casa agora.

3. O seu irmão ele já vendia fazia muito tempo também e aí lhe chamou? Quais foram os bairros assim que o senhor vendia, o senhor vendia só no Rio ou começou no rio depois foi para São Gonçalo, quais eram as cidades e os bairros que o senhor vendia? E como o senhor era conhecido? Tinha algum outro nome, algum apelido que lhe deram? Na época que o senhor começou a vender, era só essa sua fonte de renda, né? Dava para o senhor se sustentar, se prover, o senhor e a sua família?

Eu vendia bolo só em São Gonçalo. Meu irmão lá era só ajudante, eu vendia só em São Gonçalo. Vendia do Galo Branco, Chumbada, Rocha, Colubandê, Água Mineral, Engenho Pequeno, Neves, Vila Lage, Santa Catarina, Barro Vermelho, Covanca. Vendia muitos lugares em São Gonçalo, mas cada dia em um lugar diferente. O meu irmão foi só ajudante no começo. Eu vendia pra diária, pra me sustentar diariamente. Aí depois, no final, eu já estava trabalhando, arrumei emprego num prédio porteiro e vendia metade do dia bolo, e metade eu fui pro prédio. Aí eu tive que parar, que teve problema de saúde. No começo me sustentava só com o bolo, só com o bolo, mas depois não estava dando mais, aí tive que arrumar um emprego. Eu era chamado de Bolo ou de Boleiro, ninguém sabia o meu nome direito, é Bolo ou Boleiro.

4. O senhor citou que no começo o senhor sustentava só com o bolo e depois não deu mais e precisou de algum outro emprego. Essa questão foi porque diminuíram as vendas do bolo ou questão mesmo da economia que aumentou tudo e aí teve que complementar a renda? O senhor tem filhos? Se sim, quantos filhos o senhor tem?

A economia aumentou muito e eu não consegui aumentar o bolo, porque vendia para pobre. Eu tenho duas filhas.

5. O senhor vendia o bolo andando, a pé mesmo, ou tinha bicicleta ou algum meio de transporte, para vender? O senhor teria alguma foto da época que pudesse e me enviar por aqui mesmo. Se o senhor tivesse alguma foto sua com os bolos ou então vendendo, algo relacionado a isso, eu agradeço. Quanto custava o bolo? O senhor vendia o bolo inteiro ou era em pedaços e qual era o valor?

### **Dia 5 de junho de 2024**

Eu comecei vendendo a pé, carrinho de bebê, carrinho de mercado, carrinho de feira, depois ganhei um triciclo, depois ganhei a bicicleta de carga, onde eu fiquei até o meu final com a bicicleta de carga. Vendia o bolo inteiro. Comecei com o 1 real, passei para o 1,20, para o 1,50 e terminei com o R\$2,00. Eu não consegui aumentar muito por causa das pessoas pobres.

6. No caso você trabalhou vendendo isso até 2008? O senhor ainda trabalha hoje em dia? E qual era o seu outro emprego?

Eu não trabalho mais, fui aposentado por invalidez, em 2009 eu já fui encostado por invalidez. Aí fiquei fazendo tratamento, tratamento e não pude mais trabalhar em lugar nenhum. Agora só vivo da minha aposentadoria mesmo. Sou aposentado por invalidez.

**APÊNDICE D – Entrevista com George Alisson Maranhão - Vendedor de Quebra-Queixo****Realizada no dia 21 de junho de 2024**

1. O senhor me autoriza usar a sua foto, para colocar no trabalho?  
Tá bom.
2. Qual o seu nome e seu sobrenome? Há quanto tempo o senhor vende aqui?  
George Alisson Maranhão. Eu tenho 26, vou fazer 27 anos agora aqui na Rua Nazaré, que eu vendo do Quebra-queixo. Dia 27 de novembro.
3. De que horas até que horas?  
Eu chego aqui 8 horas até 4h30. 4h30
4. Todos os dias?  
Segunda a sexta.
5. Sábado vende em outro lugar?  
Vou fazer. No sábado ou domingo eu faço.
6. O senhor mesmo que produz? Como é o processo?  
Eu faço. É fácil porque (pausa) é ralar o coco, o coco ralado. Aí vou botar o açúcar na panela. Depois do açúcar na panela, eu vou fazer o fogo que é na lenha.
7. O senhor mora aonde? Como foi que o senhor começou a vender?  
O senhor tinha quantos anos? No Bacanga. Eu tinha 17 pra 18 anos. Quem me ensinou já faleceu. Foi o Raimundo que vendia aqui no Reviver.
8. Ele vendia aqui? Como o senhor o conheceu?  
Ele vendia no Reviver, eu vendia aqui. Isso, conheci através da minha mãe.
9. Ela o conheceu aonde? Ela também vendia?  
Aqui no Reviver. Minha mãe trabalha na feira.
10. Até hoje?  
Até hoje. Ele trabalhava aqui no Reviver, ele vendia quebra-queixo lá. Ele conhecia mamãe e queria uma pessoa pra trabalhar junto com ele. E a mamãe falou comigo.
11. Qual era o nome dele?  
Seu Raimundo, conhecido como o Padeiro da Vila Embratel.
12. Ele também vendeu por muitos anos?  
Ele vendia quebra-queixo, só que antes dele falecer, ele me chamou na casa dele pra me ensinar.
13. Ele tinha quantos anos quando ele faleceu?  
Eu não sei quanto ele tinha. Já tinha uma faixa de 60 anos, por aí.
14. Então, ele lhe chamou, lhe ensinou como é que fazia?  
Eu comecei a trabalhar com ele, trabalhei, trabalhei, trabalhei. Treze anos com ele. Treze anos. Aí antes dele falecer, ele caiu só doente, me chamou pra casa dele lá na Vila Embratel. Me ensinou lá como é que faz o quebra-queixo, como é que se prepara lá. Aí eu fui, aprendi com ele. Aí foi, passou e ele faleceu.
15. Como é que o senhor vende? O senhor tem alguma forma de chamar o cliente?  
Não chamo, porque o nome já chama os clientes. Já tem cliente fixo, que sabe onde eu estou. Os clientes já sabem onde eu to. Eles vão na Secretaria de Turismo, lá tem uma banca do quebra-queixo, eles vão lá e perguntam e eles dizem que tem um rapaz na rua de Nazaré que vende.
16. Essa é sua renda, o senhor trabalha em outra coisa ou só nisso? O senhor é casado?  
Só nisso. Solteiro. E eu amo, eu gosto.
17. Como é a venda, o senhor fica aqui parado? Não precisa chamar atenção? Não precisa, eles vêm.

18. Então já é tão famoso que o senhor nem precisa fazer propaganda? Nunca faço, por causa do nome. Eles batem muita foto na banca, muita gente pensa que não existe mais. Muita gente diz “Rapaz tem quase 30 anos, 40 anos que eu não via quebra-queixo”. Eu digo “Mas só aqui na rua de Nazaré que vocês acham.”
19. Você vende por quanto? Mais ou menos quantos pedaços por dia?  
O pedaço por 2 reais. Não sei, mas é muito. Passa os 70, 80, as vezes 100. Tiro 120 reais em média.
20. Aqui é bem movimentado? Mesmo fora da época turística, dá pra vender bastante?  
Dá. Tem muitos turistas que procuram também o quebra-queixo, tem muitos que vem atrás, porque na cidade deles não tem, então compram aqui pra levar pra lá. Eu vendo muito pro Rio de Janeiro, São Paulo, Belém. Para eles levarem porque pra lá não tem. Clientes do tribunal, prefeitura, desses órgãos aqui sempre vem comprar.